

Meire Mara Coelho Nogueira

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*:
DA GRAMÁTICA AO DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa elaborada sob a orientação da Prof^a Dr^a Vanda de Oliveira Bittencourt

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Belo Horizonte
2001

Dissertação defendida publicamente no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC MINAS e aprovada pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira
(UFMG)

Prof.^a Dr.^a Ângela Tonelli Vaz Leão
(PUC Minas)

Prof.^a Dr.^a Vanda de Oliveira Bittencourt – Orientadora
(PUC Minas)

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2001.

Prof.^a Dr.^a Ivete Lara Camargos Walty
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC MINAS

DEDICATÓRIA

*Ao meu marido, Ralney, força maior em minha vida e
À Prof.^a Vanda de Oliveira Bittencourt, a orientadora
que tirou todas as pedras do caminho.*

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, exemplo de dedicação;

Ao meu pai, por direcionar-me aos estudos;

Aos familiares e amigos, pela paciência e colaboração;

Aos meus professores do curso de pós-graduação da PUC-Minas, cujo desvelo especial jamais esquecerei;

Aos colegas de Mestrado, especialmente Lucília, e do grupo de pesquisa das Cantigas de Santa Maria, tão solícitos e tão amigos;

Aos companheiros da Universidade de Itaúna;

À Santa Maria, “Rosa das rosas e Fror das frores”.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| TABELA 1- Taxa de frequência de CTs segundo a configuração do SN tópico..... | 62 |
| TABELA 2- Distribuição e taxa de uso das CTs segundo a função sintática do tópico..... | 66 |
| TABELA 3- Distribuição das CTs em CTs de sujeito e de complemento..... | 69 |
| TABELA 4- Índice de presença de elemento correferente nas CTs do <i>corpus</i> | 71 |
| TABELA 5- Distribuição e taxa de uso de elemento correferente segundo a função sintática do SN tópico..... | 72 |
| TABELA 6- Índice de ausência de elemento correferente segundo a função sintática do SN tópico..... | 75 |
| TABELA 7- Índice de ocorrência das diferentes classes morfológicas de correferente..... | 78 |
| TABELA 8- Distribuição e taxa de uso do elemento correferente segundo sua posição na sentença..... | 81 |
| TABELA 9- Taxa de ocorrência do SN tópico segundo o tipo de oração..... | 84 |
| TABELA 10- Relação entre CTs e a posição do sujeito na sentença-comentário..... | 86 |
| TABELA 11- Distribuição e taxa de uso das CTs segundo o “status” informacional do SN tópico..... | 113 |
| TABELA 12- Distribuição e taxa de uso das CTs segundo as funções discursivas do SN tópico..... | 118 |

ABREVIATURAS USADAS

CT = Construção de tópico (sentencial)

C.S.M. = **Cantigas de Santa Maria**

Corref. = Correferente

DE = Deslocamento à Esquerda

O = Objeto

OD = Objeto Direto

OI = Objeto Indireto

SVO = Sujeito, Verbo e Objeto

OVS = Objeto, Verbo e Sujeito

S = Sujeito

Sadv = Sintagma Adverbial

SN = Sintagma Nominal

SN V SN = Sintagma Nominal, Verbo, Sintagma Nominal

Sprep = Sintagma Preposicionado

S V OD OI = Sujeito, Verbo, Objeto Direto, Objeto Indireto

V = Verbo

VS = Verbo Sujeito

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO..... | 9 |
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1. Delimitação do objeto de análise e justificativa..... | 10 |
| 2. Objetivos..... | 20 |
| 3. Metodologia..... | 21 |
| 3.1 O <i>corpus</i> | 21 |
| 3.1.1 Constituição e caracterização..... | 21 |
| 3.1.2 Coleta, catalogação e apresentação dos dados..... | 23 |
| 3.2 Fundamentação teórica..... | 23 |
| 4. Plano estrutural do trabalho..... | 24 |
| CAPÍTULO 1 CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS: CAMINHOS DE ANÁLISE | |
| Considerações introdutórias..... | 26 |
| 1.1 Abordagem tradicional..... | 27 |
| 1.1.1 Tópico X hipérbato..... | 29 |
| 1.1.2 Tópico X anacoluto..... | 31 |
| 1.1.3 Tópico X pleonasma..... | 34 |
| 1.2 Abordagem moderna..... | 36 |
| 1.2.1 Visão sincrônica..... | 36 |
| 1.2.1.1 As CTs no português contemporâneo..... | 36 |
| 1.2.1.2 As CTs no português arcaico..... | 46 |
| 1.2.1.3 CTs e discurso..... | 48 |
| 1.2.2 Visão diacrônica: as CTs em seu percurso evolutivo | 52 |
| 1.2.2.1 O trabalho de Decat (1989)..... | 52 |
| 1.2.2.2 O trabalho de Seabra (1994)..... | 54 |
| 1.3 Conclusão..... | 56 |

**CAPÍTULO 2 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NAS CANTIGAS DE
SANTA MARIA: ESTATUTO GRAMATICAL**

| | |
|--|----|
| Considerações introdutórias..... | 58 |
| 2.1 Do perfil configuracional dos SNs tópicos..... | 59 |
| 2.2 Do papel sintático dos SNs tópicos..... | 64 |
| 2.3 Da ocorrência de elemento correferente..... | 69 |
| 2.3.1 Presença X ausência..... | 69 |
| 2.3.2 Perfil morfológico do correferente..... | 77 |
| 2.3.3 Posição do correferente na sentença..... | 80 |
| 2.4 Dos contextos de ocorrência do SN tópico..... | 81 |
| 2.5 Da relação entre CTs e a posição do sujeito..... | 84 |
| 2.6 Conclusão..... | 87 |

**CAPÍTULO 3 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NAS CANTIGAS DE
SANTA MARIA: ESTATUTO DISCURSIVO-FUNCIONAL**

| | |
|--|-----|
| Considerações introdutórias..... | 89 |
| 3.1 Estrutura organizacional das cantigas..... | 90 |
| 3.1.1 Perfil geral..... | 90 |
| 3.1.2 Da relação entre as CTs e as diferentes partes das cantigas..... | 93 |
| 3.1.2.1 CTs e as ementas..... | 94 |
| 3.1.2.2 CTs e os refrães..... | 99 |
| 3.1.2.3 CTs e as primeiras estrofes..... | 101 |
| 3.1.2.4 CTs e as estrofes narrativas propriamente ditas..... | 106 |
| 3.2 Estatuto informacional e funções discursivas das CTs..... | 109 |
| 3.3 Conclusão..... | 118 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 120 |
| ABSTRACT..... | 124 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 125 |

RESUMO

Esta dissertação visa a detectar e a examinar os diferentes tipos de Construções de Tópico presentes em cantigas de louvor e de milagre da coletânea mariana de D. Afonso X, datada do século XIII. Ancorando-se em estudos desenvolvidos por autores como Braga (1986), Pontes (1987), Decat (1989) e Seabra (1994), a análise apresentada considera, inicialmente, o perfil configuracional dessas construções no *corpus* selecionado, mostrando o estatuto gramatical por elas assumido. Em seguida, investiga os contextos em que ocorrem, buscando depreender os motivos discursivos para o seu emprego.

A intenção maior aqui é divulgar o cancionero religioso afonsino, contribuir para um maior conhecimento do português arcaico em sua fase galego-portuguesa, e, ainda, servir como ponto de referência para pesquisas que buscam acompanhar a trajetória evolutiva dessas estruturas na nossa língua.

Palavras-chave: Cantigas de Santa Maria

Construções de tópico

Estatuto gramatical

Estatuto discursivo

INTRODUÇÃO

1 Delimitação do objeto de análise e justificativa

Dentre os aspectos peculiares à língua portuguesa, têm chamado a atenção dos estudiosos a incidência das chamadas “construções de tópico” (daqui para frente CT)¹, exploradas desde épocas remotas por literatos de renome e em franca expansão na língua oral contemporânea, pelo menos em sua vertente brasileira. Os estudos pioneirísticos de Pontes (1987), relativos ao português do Brasil demonstram que,

*quando se começa a observar a língua coloquial espontânea no seu uso diário, fica-se surpreso com a quantidade de vezes em que ocorrem **construções com tópico**. Não só elas são abundantes em frequência como em variedades de tipos.* (Pontes, 1987: 12. Destaque meu)

Nos dados abaixo, coletados assistematicamente da língua oral, arrolam-se algumas das diferentes possibilidades em que se desdobra esse tipo de construção:

- (1) a. **Essa calça** quando lava ela me aperta.
- b. **O cachorro** o Enilton deu ele pra Maíza.
- c. **O Tiago Lacerda** eu gosto muito mais.
- d. **Governador Valadares** a dengue já vai se alastrando.
- e. **A Maíza** o cachorro dela zangou.

¹ Conforme se explicitará melhor no capítulo teórico, tal como PONTES (1987), BRAGA (1984, 1986), DECAT (1983, 1989) e outros autores, considera-se aqui tópico de CTs, o SN marcado pela posição na sentença, que é a primeira, e que é interpretado como “aquilo de que se fala”.

Um primeiro fato que os exemplos acima nos mostram é que o tópico pode corresponder a diferentes funções sintáticas, a saber: sujeito (a), objeto direto (b), objeto indireto (c), adjunto adverbial (d), adjunto adnominal (e), etc. Um segundo fato é que o SN tópico pode ser retomado, ou não, por elemento correferente (nos casos acima, de natureza pronominal), presente na sentença comentário, conforme se dá em (1a, 1b e 1e).

Pelo que nos é dado ver, esse tipo de estrutura, principalmente o que contém “duplo sujeito” como 1b a 1e, corresponde muitas vezes aos chamados casos de **anacoluto**, em que, segundo Rocha Lima (1998:489), se verifica uma “desconexão sintática, resultante do desvio do plano de construção da frase. Iniciado com determinada estrutura, ela se interrompe de súbito e envereda por outro caminho”. Vejamos o exemplo abaixo:

(2) **A criança**, ao escrever dessa forma, não podemos considerar isto como erro.

Como se vê nesse exemplo, o SN à esquerda lança o assunto, sobre o qual é feito um comentário. É importante ressaltar que esse comentário é feito através de uma sentença completa, com sujeito e predicado, o que demonstra a ‘desconexão sintática’ entre o SN inicial e o restante da oração. Dessa forma, apenas no campo semântico é possível estabelecer uma relação entre o SN e o comentário.

Outro tipo de CT encontrado no português oral contemporâneo é aquele em que o tópico parece ter se cristalizado como sujeito, conforme se observa nos seguintes exemplos, transcritos de Pontes (1987:34):

- (3) a. “Essa casa bate bastante sol.”
b. “Esse carro cabe 60 litros de gasolina, sabe?”

Nos exemplos acima, nota-se que o falante primeiro nomeia o objeto, chamando a atenção sobre ele e, em seguida, tece um comentário em forma de predicado a seu respeito. Pontes ressalta que, nesses casos, como o tópico aparece na posição inicial, ele se confunde com o sujeito da oração e a ordem frasal dá a aparência de uma ordem direta, ou seja, de SVO.

Mais comuns na língua oral, segundo indicado por Pontes (1987), as construções de tópico, mesmo sem o aval da gramática normativa, vêm invadindo a nossa língua escrita, conforme nos atestam dados como os de abaixo, recolhidos de redações de alunos de Graduação em Letras da Universidade de Itaúna:

- (4) a. **O autor da propaganda**, ao fazê-la, ele causa um efeito de satisfação.
- b. **A mulher**, quando trai, ela é considerada uma leviana.
- c. **Estes turbantes**, os escravos usavam para roubar ouro de seus senhores.
- d. **O português falado no Brasil**, o plural não é marcado ao longo do SN.

Aqui, constatamos, uma vez mais, que o constituinte na posição de tópico nos remete a funções sintáticas variadas como a de sujeito (a,b), objeto direto (c), adjunto adverbial (d), sendo que, em algumas delas (a e b), temos a presença de pronome correferente na sentença comentário.

Conforme se deixou entrever acima, muitas dessas ocorrências são registradas pelos nossos gramáticos, que as consideram como portadoras de estruturação sintática especial, recebendo, por isso, tratamento à parte em seção destinada às "figuras de linguagem", em que aparecem como casos de *anacoluto*, *pleonasma* ou *hipérbato*. Assim, vários autores costumam analisar como "desvios" formais e semânticos à estruturação lógica da oração canônica construções como as de abaixo:

A. De anacoluto:

- (5) a. “Olha, **eu**, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana.” (Rocha Lima, 1998: 490)
b. “**Liberaes e realistas**, nenhum tem fé.” (Góis, 1924: 188)

B. De pleonasma:

- (6) a. “**Os sinos** já não há quem **os** toquem.” (Almeida, 1999: 479)
b. “**As posições**, conquistara-**as** umas após outras.” (Cunha & Cintra, 1985: 609)

C. De hipérbato:

- (7) a. “**Essas** que ao vento vêm /Belas chuvas de junho.” (Cunha & Cintra, 1985:610)
b. “**A grita** se alevanta ao céu da gente” (Rocha Lima, 1998: 513)

Sem a preocupação de descrever e analisar mais detalhadamente esses tipos de construções, os gramáticos, muitas vezes, limitam-se a mencionar sua ocorrência na língua escrita literária, considerando-as verdadeiros “desvios sintáticos”, uma vez que não apresentam perfeita integração intra-sentencial, isto é, fogem do esquema oracional canônico da nossa língua.

Todavia estudos realizados por vários autores têm demonstrado a grande incidência de CTs na vertente brasileira do português contemporâneo, sobretudo em sua modalidade oral. O primeiro deles, já referido, é o de Pontes (1987) que, reunindo os resultados de pesquisas realizadas no período de 1980 a 1982, muitas das quais apresentadas em congressos e seminários e/ou publicadas em revistas específicas, examina a frequência e a tipologia das CTs nas modalidades oral coloquial e escrita

da nossa língua, procurando explicar as razões (discursivas) do seu emprego por parte dos usuários.

Com base no trabalho de Li e Thompson (1976), que estabelecem uma tipologia das línguas em termos da predominância de “tópico-comentário” ou “de sujeito-predicado”, Pontes acaba concluindo que a nossa língua é de caráter misto, pois que se enquadra entre as que apresentam, ao mesmo tempo, proeminência de tópico e proeminência de sujeito.

Também voltada para a sincronia presente, Braga (1984, 1986) investiga e explica a presença de CTs no discurso oral semi-coloquial de cariocas, considerando, especificamente, casos de topicalização de complementos direto e indireto, e de sujeito. Numa abordagem sociolingüística, a autora tenta descobrir e apontar os fatores externos e internos (dentre os quais, alguns de ordem discursiva), que condicionam o uso de construções tópicas pelos usuários que investiga.

Outro trabalho a mencionar, também voltado para o estágio sincrônico atual da nossa língua é o de Perini (1981), que, a partir de crítica à análise de Perlmutter (1976) acerca da posposição do sujeito, acaba tentando esclarecer a noção de tópico de uma sentença, mostrando que ela não se confunde com a de sujeito, embora possam ser exercidas, sintaticamente, por um mesmo constituinte.

Abordando o fenômeno da concordância verbal no português oral e escrito hodierno, em sentenças contendo tópico reinterpretado como sujeito e sujeito posposto, Decat (1983) defende a idéia de que, nesses casos, a concordância é melhor descrita em termos da relação tópico-comentário do que da relação sujeito-predicado. Dessa sorte, em exemplos, como os de abaixo, transcritos de Decat (op. cit., p. 21), que ilustram CTs com tópico cristalizado como sujeito:

- (8) “**As minhas canetas** acabaram a tinta.”
- (9) “**Os meninos** cresceram a barba.”
- (10) “**Essas torneiras** não saíram água até hoje.”

é o SN tópico que aciona a concordância verbal e não o SN posposto ao verbo ("água", "tinta", "barba"). Na trilha de Pontes (1987), essa autora entende que tal concordância constitui uma evidência empírica de que os SNs topicalizados em estruturas como as de acima estão sendo reanalisados pelos usuários como sujeito de uma oração que tem, superficialmente, o mesmo perfil SN V SN das orações transitivas diretas canônicas da nossa língua.

Contrapondo estruturas causativas sintéticas como:

- (11) a. “Essa fronha de cetim escorrega a cabeça da gente.”
- b. “Coca-cola em excesso cai os dentes.”

resultantes da transitivação (causativação) de verbos ergativos, Bittencourt (1989) também acredita que as CTs com tópico cristalizado como sujeito como as de (8-10) e de (11) resultam de um processo de gramaticalização por reanálise do primeiro SN (do esquema SN V SN) como sujeito-tópico da oração, o que as torna formalmente similares às primeiras, de aceção causativa.

Inserido numa perspectiva diacrônica, encontramos o trabalho de Decat (1989), que busca acompanhar o percurso evolutivo dos diferentes tipos de CTs nos séculos XVIII, XIX e XX (1^a. metade), a partir de dados escritos extraídos de correspondência pessoal e de diários, numa abordagem em que conjuga pressupostos da Sociolingüística Quantitativa e da Gramática Gerativa. Uma das conclusões desse estudo é que as CTs com tópico

cristalizado como as de (8) – (11) constituem casos de mudança verificada no português contemporâneo.

Também de caráter diacrônico é o estudo desenvolvido por Seabra (1994), que, partindo de dois recortes sincrônicos – séculos XV e XX –, procura identificar processos de mudança no campo das CTs, particularmente no que se refere à sua reinterpretação como sujeito. Segundo essa autora o tipo de CT predominante na fase arcaica não apresenta sujeito explícito nem elemento correferente ao tópico. Já a CT típica do português contemporâneo contém sujeito explícito mas não possui elemento correferente.

Voltados para uma sincronia ducentista, ou seja, para a fase galego-portuguesa do português arcaico, alistem-se, por fim, os trabalhos de Puccini (1989) e de Leão (2000), que examinam o uso de anacoluto, pleonasma e hipérbato em cantigas de amigo e nas cantigas religiosas de D. Afonso X, o Sábio, respectivamente.

Também voltado para uma sincronia pretérita, o trabalho aqui desenvolvido enfoca o português arcaico em sua fase ducentista, rastreando, mais especificamente, as ocorrências de CTs nas *Cantigas de Santa Maria*, maior coletânea de cunho religioso do medievo ibérico, elaborada na “oficina” de Toledo, sob o comando do rei de Leão e Castela, D. Afonso X.

Atenta para o fato de que, nesse tipo de texto, é preciso contar com as imposições de ordem métrica e rimática, procurei delinear um quadro que, contendo informações relativas à variedade de esquemas configuracionais das CTs encontradas, bem como acerca de suas funções discursivas e textuais, pudesse contribuir para um melhor conhecimento do português arcaico em sua fase galego-portuguesa. Isso sem falar no meu propósito de colaborar na divulgação de obra tão importante para o conhecimento do

medieval ibérico, e, incompreensivelmente, relegada ao silêncio em muitos dos nossos manuais de história da Literatura Portuguesa, segundo se queixa a Profa. Ângela Vaz Leão (1997: 37), fundadora e coordenadora, na PUC-Minas, do único grupo brasileiro voltado para o estudo específico desse monumental cancionário mariano lavrado em galego-português.

Além do ineditismo de sua estruturação geral, assentada numa seqüência fixa de “nove cantigas + uma (decimal) de louvor”, esse conjunto poético dedicado a Nossa Senhora nos põe frente a frente com costumes e tipos humanos distribuídos em classes sociais, atividades profissionais e faixas etárias diversificados. Além disso, como não podia deixar de ser, no âmbito específico da manifestação lingüística, deparamo-nos com uma sincronia dinâmica, que, na verdade, enfeixa variantes temporais, geográficas, sociais e estilísticas diversas, segundo apontado por Nascimento (1994), Souza (1995), Machado (1996), Castro (1996), Leão (1997), Ribeiro (1999), Coutinho (1999), Canedo (2000), Anjos (2000), dentre outros pesquisadores brasileiros (no caso em pauta, da PUC Minas) dedicados ao estudo desse cancionário.

Observando a linguagem das cantigas, chama-nos a atenção, dentre outros inúmeros e variados fatos, o emprego, por parte do autor, de “construções de tópico” sentencial, que apresentam um leque configuracional variado e funções diferenciadas em níveis distintos de linguagem, que vão desde a dimensão sintática até a discursivo-textual.

Prova inequívoca da importância desse tipo de estrutura na obra mariana de D. Afonso é a cantiga nº 260, de louvor, transcrita a seguir, em que o refrão e todas as estrofes (de três cobras) se constroem a partir de CTs constituídas de tópico de objeto direto, configuracionalmente variado (SN em superlativo hebraico; SN + constituinte oracional adjetivo; SN +

constituente adjetivo bi-oracional por coordenação), tópico este repetido pleonasticamente através de pronome acusativo correferente:

(12) *Esta é de loor de Santa Maria.*

*Dized', ai trobadores,
a Sennor das sennores,
porqué a non loades?*

*Se vos trobar sabedes,
a por que Deus avedes,
porqué a non loades?*

*A Sennor que dá vida
e é de ben comprida,
porqué a non loades?*

*A que nunca nos mente
e nossa coita sente,
porqué a non loades?*

*A que é mais que bõa
e por que Deus perdõa,
porqué a non loades?*

*A que nos dá conorte
na vida e na morte,
porqué a non loades?*

*A que faz o que morre
viv', e que nos acorre,
porqué a non loades?*

(Cantiga 260)

Outra evidência da importância das CTs nessa coletânea Afonsina é o seu largo emprego nos refrões, espaço poético reservado à exposição do **tema** da cantiga. Nos dois conjuntos de exemplos arrolados abaixo, temos, respectivamente, tópicos com e sem pronome co-referente:

(13) a. *A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
um meny o d'Irrael.*
(Cantiga 4, refrão)

b. *A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand' e con alegria,
quantos seu ben atendemos.*
(Cantiga 8, refrão)

(14) a. *Todo logar mui ben pode sseer deffendudo
o que a Santa Maria á por seu escudo.*
(Cantiga 28, refrão)

b. *Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si pøer.*
(Cantiga 5, refrão)

No exemplo (13a), temos um refrão iniciado por um tópico (de sujeito) constituído de uma perífrase epítética, cujo referente é a Virgem Santa Maria, tópico esse reforçado por pronome correferente demonstrativo. Lembrando-nos de que o refrão é repetido depois de cada estrofe cantada, temos, no caso, um efeito de ênfase conferida ao fato miraculoso (“do fogo guardou o meny o”) e à sua agente, Nossa Senhora, cuja referência é reforçada pleonasticamente. Do mesmo modo, em (13b), o refrão constitui o espaço para a ação proselitista do rei-autor em favor da Virgem Maria, que aparece representada por um SN topicalizado *A Virgen Santa Maria*, também reforçado por pronome correferente pessoal oblíquo (*a*).

Quanto ao exemplo (14a), sem elemento correferente, apresenta-nos um SN tópico de cunho locativo (obviamente, desprovido de preposição),

que tem como efeito de sentido a expansão do espaço de atuação da Virgem, o que, em última instância, serve para ampliar o poder de que é dotada, por graça de Deus. Também em (14b), sem constituinte correferente, a posição tópica do objeto direto *Santa Maria*, tem o efeito de assegurar o seu papel agentivo na ação miraculosa que empreende em favor dos seus devotos.

Do panorama parcial aqui perfilhado, fica patente que o estudo de construções de tópico nas **Cantigas de Santa Maria** pode fornecer esclarecimentos acerca do seu estatuto configuracional, dos seus efeitos de sentido e até de sua função coesiva nos poemas de caráter narrativo e laudatório. Além disso, pode contribuir para um maior conhecimento do português arcaico em sua fase galego-portuguesa e servir como ponto de referência para pesquisas que buscam acompanhar a trajetória evolutiva dessas estruturas na nossa língua e/ou a sua relação (encaixamento) com o percurso e destino de outros fatos lingüísticos do português .

2 Objetivos

Conforme deixei entrever anteriormente, a meta central desta dissertação foi detectar e examinar os diferentes tipos de construção de tópico (CT) presentes em cantigas de louvor e de milagre da coletânea mariana de D. Afonso X, datada do século XIII, levando em conta seu estatuto morfossintático e os papéis que assumem no âmbito do discurso.

De um modo específico, propus-me atingir os seguintes objetivos:

- i- apresentar uma descrição estrutural das CTs encontradas no *corpus*, levando em conta aspectos como:
 - a) a configuração formal do tópico;

- b) a classe gramatical do SN tópico;
 - c) as funções sintáticas do elemento topicalizado;
 - d) a ocorrência, ou não, de elemento anafórico co-referente ao tópico;
 - e) o estatuto mórfico desse constituinte anafórico;
 - f) a presença ou não de SN sujeito;
 - g) a posição do sintagma nominal sujeito, quando explícito na oração, em relação ao verbo;
- ii- indicar o percentual de uso dos diversos tipos de CT detectados;
 - iii- confrontar a situação vigente no *corpus* apreciado com os resultados exibidos em estudos (descritivos e diacrônicos) versando a mesma questão, como os de Pontes (1987), Braga (1984, 1986), Decat (1989) e Seabra (1994);
 - iv- mostrar as razões comunicativas, discursivas e textuais do emprego de CTs;
 - v- averiguar a ocorrência, ou não, de estruturas com tópico cristalizado como sujeito, emergentes, segundo Decat (1989), no português hodierno.

3 Metodologia

3.1 O *corpus*

3.1.1 Constituição e caracterização

O *corpus* selecionado constitui-se de cantigas do cancionero mariano compostas por D. Afonso X em seu *scriptorium* de Toledo, juntamente com seus colaboradores (músicos, trovadores, desenhistas e miniaturistas) junto à corte de Leão e Castela, em meados do século XIII.

Escritas em galego-português, língua preferida para a composição poética lírica do período medieval ibérico, as **Cantigas de Santa Maria**, por sua riqueza informacional acerca da história, cultura, sociedade, hábitos e artes dessa época, na Ibéria, constitui-se num tesouro inigualável, ainda à espera de investigadores interessados em desvelar a Idade Média, aos quais oferece material lingüístico, literário, pictórico e musical.

Escrito entre 1257 e 1283, ou seja, em pleno apogeu do culto mariolátrico por todo o Ocidente, o cancionero lírico-religioso de D. Afonso X, o Sábio, “el primero y más abultado de los de esta categoria”, segundo Montoya (1988: 19), compreende um total de 427 cantigas (das quais sete são repetidas) e apresenta dois grandes gêneros poemáticos: as *cantigas de loor* e as *cantigas de miragre* (estas de cunho narrativo), além de dois prólogos A e B e das onze cantigas finais, que, alusivas a festas do calendário litúrgico cristão, comemoram fatos da vida de Jesus Cristo e de Santa Maria.

O *corpus* aqui utilizado compõe-se, em princípio, por amostragem, das cinquenta primeiras cantigas subseqüentes ao prólogo B, contendo, pois, 45 cantigas de narração de milagres e 5 de louvor. Além dessas, quando pertinente, são referidas outras, que podem, por exemplo, ilustrar algum tipo de CT não encontrado no conjunto selecionado para estudo.

A fonte documental que serviu de base para a constituição do *corpus* foi a edição elaborada pelo filólogo alemão Walter Mettmann, publicada de forma seriada em edição crítica, em 04 volumes, sendo o primeiro publicado em 1959, o segundo, em 1961, o terceiro, em 1964 e o quarto (contendo o glossário), em 1972. O mesmo Mettmann, esclareça-se, publicou uma segunda edição em espanhol, sem o glossário, em Madrid (1986) pela editora Clássicos Castalia, em edição comercial, no formato de bolso .

3.1.2 Coleta, catalogação e apresentação dos dados

Selecionadas as cantigas, conforme exposto no item anterior, os dados foram coletados e catalogados segundo os critérios arrolados nos objetivos específicos, que levam em conta o estatuto gramatical do SN tópico, a sua função sintática, a sua repetição, ou não, através de elemento correferente, o estatuto mórfico do elemento anafórico detectado, a presença ou ausência do sujeito, a posição do SN sujeito em relação ao verbo, além dos tipos de função (comunicativa, discursiva e textual) assumidos pelo tópico.

Quanto aos dados que ilustram a análise, são apresentados no corpo do trabalho em seqüência numérica renovada a cada capítulo sendo identificados pelo número da cantiga e do(s) verso(s) reproduzidos.

3.2 Fundamentação teórica

Numa perspectiva de estudos de linha mais funcionalista, ou seja, que considera a língua como atividade interacional empreendida no sentido de satisfazer às intenções e necessidades comunicativas do seu usuário, procurou-se, aqui, não só apresentar o perfil gramatical e sintático do SN tópico, como detectar e explicitar as fatores informacionais, discursivos e textuais que justificam o emprego de construções de tópico.

Com isso, a análise das CTs foi efetuada num nível microssintático, em que se examinaram seu estatuto formal e seus efeitos de sentido num âmbito mais oracional, e em outro macrossintático, em que se procurou mostrar os seus contextos de ocorrência e suas funções discursivas no nível inter-oracional ou até mesmo no nível do poema visto em seus segmentos constitutivos ou considerado como um todo.

4 Plano estrutural do trabalho

Além desta introdução, em que se delimita o objeto de estudo, justifica-se a pesquisa, expõem-se os objetivos e apresentam-se esclarecimentos de natureza metodológica, esta dissertação compreende mais três capítulos e uma conclusão geral.

No primeiro capítulo, dedicado a uma resenha crítica, discutem-se alguns dos tratamentos (sincrônicos ou diacrônicos) conferidos a esse tipo de construção por estudiosos não só de linha mais tradicional como por autores comprometidos com a Linguística Moderna. Uma das preocupações, nessa etapa, foi deixar clara a posição aqui assumida acerca de noções como “anacoluto”, “pleonasma”, “hipérbato”, “topicalização”, “deslocamento à esquerda”, muitas vezes confundidas na literatura corrente. Outra preocupação foi definir o suporte teórico para a detecção e exame dos papéis que o tópico exerce nos níveis da micro e macro-estrutura.

No segundo e terceiro capítulos, procede-se à análise propriamente dita das CTs no *corpus* selecionado, considerando-se, primeiramente, o tópico em seu perfil configuracional e, depois, os contextos em que ocorre, com vistas a detectar as motivações discursivas de seu emprego.

Como fecho do trabalho, tecem-se considerações gerais, que servem de avaliação do modo como o autor (D. Afonso e seus colaboradores) se vale das CTs para construir o seu *trobar*

*pola Sennor onrrada,
en que Deus quis carne fillar
beeyta e sagrada,
por nos dar gran soldada*

*no seu reyno e nos erdar
por seus de sa masnada
de vida perlongada,
sen avermos pois a passar
per mort' outra vegada.*

(Cantiga 1, v. 4-12)

CAPÍTULO 1

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS: CAMINHOS DE ANÁLISE

Neste capítulo, a partir da apresentação e discussão de estudos já empreendidos entre nós, busco delinear o panorama teórico que norteou a investigação acerca das construções de tópico, na coletânea religiosa de D. Afonso X, o Sábio, e sua equipe de colaboradores. Conforme atestado por Puccini (1989), que examina duas cantigas de amigo (de Pero Gonçalves de Portocarreiro e de Joan Garcia de Guilhade), datadas, como as **Cantigas de Santa Maria**, do século XIII, é bem antiga em nossa língua a presença desse tipo de estrutura.

Contudo o próprio termo “tópico” como constituinte do nível sentencial não é mencionado na literatura tradicional, embora comum no quadro da Linguística Moderna, sobretudo nos estudos voltados para a tipologia da línguas, como, por exemplo, os realizados por Chafe (1976), Li e Thompson (1976), Comrie (1981 a, b), dentre muitos outros. Prince (1980) propõe a seguinte descrição definitiva para as construções de tópico, descrição essa adotada por Braga (1984, 1986), Decat (1989) e Seabra (1994), bem como no presente trabalho, com as alterações e complementações necessárias:

$$\begin{array}{ccccccc} [& [& X_1 &] & [& \dots & [& X_2 &] & \dots &] &] \\ S & SN & & & SN & & & & & & & \end{array}$$

em que:

- a) X_1 e X_2 precisam ser correferenciais
- b) X_2 precisa ser ou uma lacuna (anáfora zero) ou um elemento correferencial.²

Partindo dessa definição, busco, aqui, inicialmente, discutir o tratamento conferido ao assunto pela Gramática Tradicional, que vê tripartidamente a questão, abordando-a no universo das “figuras de linguagem” de anacoluto, pleonasma e hipérbato. Em seguida, discuto propostas e resultados de análises mais comprometidas com a Lingüística Moderna, construindo a partir daí o suporte teórico que embasou o estudo aqui efetuado.

1.1 Abordagem tradicional

Embora, como já disse, não tenham merecido da parte da Gramática Tradicional o mesmo tipo de tratamento conferido por estudos modernos, as CTs não lhe passaram de todo despercebidas, sendo enfocadas como casos de “desvio” lógico e estrutural, alocando-se, pois, no território da Estilística (ou da Retórica), onde se ajuntam às chamadas “figuras de linguagem”.

2. Diferentemente de Prince, que menciona como correferencial apenas a classe dos pronomes, estendo aqui o âmbito de X_2 , que, tal como registrado por Pontes (1987: 28) relativamente ao português brasileiro contemporâneo, ocorre no *corpus* aqui em apreço não só em forma de pronome (pessoal, demonstrativo, possessivo), mas de “advérbio e certas locuções anafóricas, ou então o próprio SN repetido”.

Tendo como um de seus processos formadores a alteração na ordem das orações, as CTs (que não sejam de sujeito), assim como as orações de sujeito posposto (VS), fogem ao padrão canônico do português, SVO, configurando-se como “desvios” ou formas marcadas. Tais “desvios” só são bem aceitos pelos gramáticos se resultarem da intenção do autor em dar destaque especial ao termo deslocado.

A propósito disso, Nascentes (1937: 150), afirma que “em teoria, a ordem das palavras deve corresponder à ordem das idéias, mas que a ordem das idéias nem sempre corresponde à função dos elementos sintáticos”. Posicionando-se a respeito da questão, Bechara (1983:320) reconhece que a colocação dos termos na oração “obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem psicológica e estilística”. Dessa forma, esse autor ressalta que

sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. (...) Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. (Bechara, 1983: 320)

Pelo que se pode ver, mesmo cientes de uma ordem mais usual, não marcada, esses autores sempre fazem menção a certa liberdade que podem ter as palavras quanto à sua colocação na língua portuguesa. Acentuando essa liberdade, Melo (1968: 363) ressalta que “a ordem é muito mais assunto de Estilística do que de Gramática”, uma vez que “a esta cabe apenas dizer, por exemplo, que o português é uma língua de ordem vária e livre, onde não tem tradição (e portanto não é vernáculo) o uso sistemático da seqüência lógica ou analítica”.

O que se pode observar, contudo, é que, nas gramáticas tradicionais, existem, ainda, várias lacunas acerca da ordem dos constituintes frasais. Os autores, de uma maneira geral, consideram a “ordem inversa” como de efeito “enfático”, relacionando a escolha da ordem à procura de obtenção de maior eficácia no desempenho lingüístico. Poucos se referem a fatores ou causas que regem o mecanismo de colocação dos termos.

1.1.1 Tópico X hipérbato

A respeito do **hipérbato**, gramáticos como Rocha Lima (1998: 512) descrevem-no como “a inversão da ordem natural das palavras na oração, ou a ordem das orações no período”, com uma finalidade expressiva. Vejamos abaixo os seguintes exemplos extraídos desse autor (op. cit., p. 512):

- (1) “O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.” (Camões)
- (2) “Essas que ao vento vêm/ Belas chuvas de junho.” (Joaquim Cardozo)

Câmara Jr. (1997), ao chamar a atenção para o efeito estilístico que a variação na ordem normal dos elementos oracionais pode ocasionar, ressalta que o hipérbato muitas vezes cria ambigüidade, conforme ilustrado abaixo, em exemplo retirado desse autor:

- (3) A grita se levanta ao céu da gente.
“em vez de *a grita da gente se levanta ao céu.*” (p.49)

Para Câmara Jr., o hipérbato prejudica a clareza da oração, uma vez que altera a ordem das palavras, colidindo com a norma de colocação na nossa língua. Prova disso é o seguinte exemplo fornecido por esse autor:

- (4) “Lícias, pastor, enquanto o sol recebe / mugindo o doce armento e ao longe espraia, / em sede abrasa, qual de amor por Febe, / sede também, sede maior desmaia.” (Alberto de Oliveira)

que tem a seguinte leitura: “o pastor Lícias, enquanto o doce armento mugindo recebe o sol e espraia ao longe, abrasa em sede, qual desmaia por Febe, o que é sede também, sede maior.” (p. 74)

Em língua portuguesa, o deslocamento de elementos para o início da sentença é bastante freqüente. Basta uma observação em textos, orais ou escritos, para comprovar-se a quantidade de inversões da ordem dos constituintes da oração. Daí a semelhança entre certos tipos de hipérbato e as CTs. A propósito, em seu trabalho sobre “Aspectos da linguagem das **Cantigas de Santa Maria**”, Leão (2000) menciona o grande número de hipérbatos aí encontrados, ressaltando que, por vezes, a inversão na ordem é tão violenta que a sua descodificação se torna difícil. Essa mesma autora destaca a importância desse tipo de construção para a obtenção do ritmo, da rima e da beleza dos versos nos poemas-cânticos que analisa. O exemplo abaixo, retirado de seu trabalho, ilustra bem essa riqueza da sintaxe tão explorada pelo rei poeta e seus colaboradores:

- (5) *Mui grandes noit’ e dia*
devemos dar porende
nos a Santa Maria
graças, [porque] defende
os seus de dano
e sen engano
en salvo os guia.

(Cantiga 57, refrão. Destaque meu)

Numa leitura parafrástica em que se segue a ordem padrão, teríamos:

(5') 'Por isso, noite e dia nós devemos dar muitas graças a Santa Maria, [porque] Ela defende os seus do sofrimento e, certamente, os guia a salvo.'

1.1.2 Tópico X anacoluto

Do mesmo modo que o hipérbato, o **anacoluto** é considerado, de um modo geral, pela gramática tradicional, como um caso de estruturação sintática especial, recebendo, por isso, tratamento à parte no conjunto das “figuras de linguagem”. Assim, vários autores costumam analisá-lo como um desvio formal e semântico à estruturação lógica da ordem canônica.

Ressaltando que os “mestres” da literatura não recusaram o emprego dessas construções, Brandão (1963: 809) afirma que:

Anacolútia ou anacoluto (...) é uma ruptura no encadeamento gramatical do discurso, causada por troca de uma construção por outra, de modo que o princípio da frase não se conforma sintaticamente com o seu fim. (Brandão, 1963: 809)

Os diversos gramáticos defendem esse mesmo conceito de Brandão, mas assumem, em relação ao seu emprego, uma postura prescritivista. É o que faz, por exemplo, Bechara (1978), ao afirmar que "o anacoluto, fora de situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua". No entanto, o próprio autor não esclarece que "situações especiais" licenciariam o uso do anacoluto. Tentemos depreendê-las em estudos de outros autores.

Para Câmara Jr. (1997), por exemplo, o anacoluto ou “frase quebrada” é:

aquela construção em que a uma palavra ou locução apresentada inicialmente, se segue uma construção oracional em que essa palavra ou locução não se integra. O papel do anacoluto é pôr em relevo a idéia primordial que temos em mente, destacando-a como uma espécie de título do que vamos dizer. (Câmara Jr., 1997: 49)

Segundo esse autor, é isso que se verifica em enunciados como o de abaixo:

- (6) “Estas estradas, quando novo Eliseu as percorria as crianças lançavam-me pedradas.” (Correia)

Do mesmo modo, Silva Neto (1978) considera o anacoluto um caso de "sintaxe afetiva", de forma que concentramos o nosso interesse em um elemento da oração e não prestamos a devida atenção à regularidade sintática. Com isso, acabamos “desviando” o plano da construção da frase. E mais: segundo ele, "quase sempre, o que determina o anacoluto é a sua colocação no rosto do período", como no exemplo abaixo, extraído de Almeida Garret:

- (7) “E o desgraçado, tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse.” (Garret)

Endossando o valor psicológico atribuído a essa estrutura por Silva Neto, Said Ali (1971) observa, a propósito da anacolúcia, que a linguagem não consegue acompanhar o pensamento, uma vez que "as idéias se sucedem rápidas e tumultuárias"; daí a precipitação do usuário em dizer ou

escrever algo, sem perceber que assumindo tal direção, não chega a concluir direito o pensamento. Exemplo:

- (8) “O piloto que fez naufrágio em um baixio, o seu primeiro cuidado é fugir muito longe dele.” (Vieira)

O mesmo Said Ali atenta para outro fato, que pode ser condicionador do uso dessas construções: além de precipitar-se na enunciação, a causa pode vir de fora, ou seja, pode estar no próprio ato da enunciação. Na interação falante X ouvinte, escritor X leitor, o primeiro componente do par percebe quando o que foi dito ou escrito não foi bem absorvido pelo interlocutor e, percebendo o que se passa, procura pôr em evidência a idéia e, em seguida, prossegue na exposição de seus pensamentos. Exemplo fornecido por esse autor:

- (9) “Estes princípios [vós imaginais por certo que fazem guerra como os demais; pois não fazem] toda a sua guerra são os apparatus della.” (Barros)

Dos autores que consultei é Epiphanyo Dias (1970: 336) quem mais se aproxima da definição das estruturas de tópico-comentário. Segundo ele, o anacoluto consiste em "pôr no princípio d'uma clausula (ou membro de clausula), sem ligação grammatical, a designação do objeto, a respeito do qual vem depois um asserto", ou seja, primeiro nomeia-se o objeto, em seguida se faz um comentário sobre ele. É o que ocorre nas CTs, conforme descrito na fórmula de Prince (1980) aqui adotada.

Do que se viu, pode-se notar que os exemplos arrolados pelos gramáticos são suficientes para mostrar que o anacoluto é comum na língua *escrita* portuguesa. Os exemplos são colhidos em autores renomados, que sempre foram tomados como modelo de língua padrão.

Nesse território, há ainda que levar em consideração sentenças que os gramáticos classificam como de anacoluto, mas que fogem à definição de elemento que rompe com o encadeamento gramatical da oração. Os exemplos arrolados abaixo demonstram uma certa confusão entre os conceitos de anacoluto e pleonasma, uma vez que apresentam a ocorrência de elemento correferente, indicando uma relação entre o anacoluto e o resto da oração:

- (10) “Eu, parece-me que sim, pelo menos nada conheço, que se lhe aparente.” (Cunha, 1970: 291)
- (11) “Nós, porém, ser-nos-há forçoso examinar os signaes.” (Góis, 1924: 185)

Diante do exposto, pode-se concluir que as gramáticas tradicionais não fornecem uma análise mais profunda das construções de anacoluto, limitando-se a registrar sua ocorrência e reconhecendo que elas não apresentam perfeita coesão intra-sentencial. Trata-se, segundo os autores, de “desvios” sintáticos provocados pela intenção de exprimir os pensamentos. A propósito, vale destacar a posição assumida por Góis (1924: 190), que acusa as gramáticas de serem “deploravelmente omissas acerca do Anacolutho, _ uma das bellezas mais ornamentaes da lingua.” Tais construções, para o mesmo autor, são fruto da linguagem do povo, que os poetas e escritores transplantaram para os seus escritos por lhe acharem efusão.

1.1.3 Tópico X pleonasma

Como já aludido no item anterior, os próprios gramáticos costumam criar uma confusão entre *anacoluto* e *pleonasma*. Podemos

perceber a proximidade desses dois fenômenos na seguinte afirmação de Melo (1971):

Não raro acontece que uma função sintática é expressa mais de uma vez, o que é, por assim dizer, de regra quando se começa a frase por objeto, direto ou indireto, ou pelo predicativo. Neste caso, analisar-se-á o termo repetido como elemento pleonástico. (Melo, 1971:112. Destaque meu)

Do mesmo modo, para Rocha Lima (1998:511), o pleonasma constitui-se "no emprego de palavras desnecessárias", cujo sentido já está expresso num dos elementos da frase. Por sua vez, Cegalla (1991: 520) faz alusão ao seu efeito de sentido, quando o define como "o emprego de palavras redundantes, com o fim de reforçar ou enfatizar a expressão". Cunha e Cintra (1985: 609) fornecem exemplos como os seguintes em que (12) se constitui numa CT, nos moldes aqui adotados:

(12) "Paisagens, quero-as comigo."

(13) "Ao homem mesquinho basta-lhe um burrinho."

(14) A mim não me enganas tu."

Ressaltando-lhe o valor estilístico, Câmara Jr. (1997: 193) afirma que o "pleonasma é o nome tradicional que se dá à redundância (...) no âmbito das palavras. É essencialmente motivado por uma intenção estilística."

Pontes (1987) chama a atenção para a proximidade de "pleonasma" e "deslocamento à esquerda", que, segundo Ross, é aquele tipo de construção que apresenta um elemento correferente à CT. Dessa forma, a ocorrência de um pronome correferente indica que há uma relação entre o SN à esquerda e o restante da oração. Sendo assim, o que Ross apresenta como

“deslocamento à esquerda” parece corresponder a construções de pleonasma em português.

1.2 A abordagem moderna

Diferentemente da tradição gramatical, a Linguística Moderna tem dado a devida importância aos chamados “desvios” que ocorrem na língua, principalmente em sua modalidade oral. Os processos estudados acima, vistos como mera variação na ordem básica da oração, ou, então, como formas de redundância, são abordados por lingüistas de linha mais moderna como algo mais do que uma simples ruptura com os cânones da língua. Dessa forma, vários são os estudos realizados que versam essas questões, fazendo com que elas deixem de ser vistas como casos marginais.

Dentre os estudos voltados para as construções de tópico (CTs), saliente-se, de um modo particular, o de Pontes (1987), que chegou a demonstrar que o português oral do Brasil se caracteriza, tipologicamente, como uma língua mista, de “sujeito-predicado” e “tópico-comentário”, simultaneamente.

Nesta seção, examino alguns dos trabalhos que enfocam as CTs, trabalhos esses de suma relevância para o entendimento da questão e para a composição do suporte teórico que embasou a análise aqui desenvolvida.

1.2.1 Visão sincrônica

1.2.1.1 As CTs no português contemporâneo

O trabalho pioneiro de Pontes (1987), que, conforme ela mesma esclarece (p.7), apresenta os resultados das pesquisas que empreendeu no período de 1980 a 1982, abriu caminho para o estudo das estruturas de

tópico, arrolando e examinando os diferentes tipos encontrados na nossa língua. Com base na taxa de frequência de seu uso entre nós, a autora acaba concluindo que o português contemporâneo do Brasil, pelo menos em sua modalidade oral coloquial, vem se caracterizando como uma língua de proeminência de tópico e de sujeito, correspondendo, assim ao terceiro tipo arrolado na taxonomia estabelecida por Li e Thompson (1976), segundo os quais as línguas estariam divididas em quatro tipos:

- a) línguas com proeminência de sujeito, cuja estrutura é melhor descrita como de sujeito-predicado (línguas indo-européias);
- b) línguas com proeminência de tópico, cuja estrutura é melhor descrita como de tópico-comentário (chinês, lahu e outras);
- c) línguas com proeminência de sujeito e tópico, em que as duas construções (sujeito-predicado e tópico-comentário) ocorrem (japonês);
- d) línguas com proeminência de sujeito ou tópico, em que os dois se mesclaram e a diferença não é mais perceptível (taglog).

Baseando-se nos postulados de Li e Thompson, que constroem sua tipologia a partir da contraposição entre línguas de tópico e línguas de sujeito, Pontes (op. cit. p. 19-21) apresenta algumas características do tópico, que transcrevo de um modo mais resumido:

- a) quanto ao traço de definição – o tópico é sempre definido, ao passo que o sujeito pode ser indefinido;
- b) quanto às relações seletivas – diferentemente do sujeito, o tópico não precisa ter uma relação seletiva com nenhum verbo da sentença. Isso só não ocorre nas orações em que o tópico é idêntico ao sujeito;

- c) quanto ao papel de determinação – o sujeito é determinado pelo verbo, ao passo que o tópico não, pois que sua seleção independe do verbo com que co-ocorre;
- d) quanto ao papel funcional – o tópico é o “centro de atenção”, ou seja, “anuncia o tema do discurso”, enquanto o sujeito nem sempre desempenha um papel semântico na oração;
- e) quanto à concordância verbal – em geral, a concordância do verbo se faz obrigatoriamente com o sujeito, sendo rara com o tópico, a não ser nos casos em que sujeito e tópico são idênticos;
- f) quanto à sua posição na sentença – em decorrência de sua função discursiva (de anunciar “aquilo de que se vai falar”), o tópico vem sempre em posição inicial na oração, mas o sujeito nem sempre;
- g) quanto à participação em outros processos gramaticais – o sujeito (e não o tópico) desempenha um papel proeminente em processos como os de reflexivização, apassivação, “supressão de sujeito idêntico”, etc.

Segundo Pontes (p. 21), “todas essas características apontam para o fato de que o tópico é dependente do discurso, enquanto que o sujeito é dependente da sentença”. Dessa forma, nos diz ela, justifica-se a necessidade de ultrapassar os limites de um estudo estritamente sintático e passar para uma análise no nível do discurso, uma vez que a interpretação do tópico depende do contexto discursivo-pragmático. Isso é feito, segundo veremos, de um modo mais sistemático, por Braga (1986), que tenta “checar a aplicação da metodologia da variação a fenômenos discursivos”, estudando as ocorrências de CTs (de objetos direto e indireto e de sujeito), na língua oral dos cariocas. Consideremos, pois, com a devida atenção, os aspectos da análise efetuada por essas duas autoras, uma vez que são

relevantes para o estudo aqui desenvolvido acerca das construções de tópico nas **Cantigas de Santa Maria**.

Antes de proceder à apresentação e discussão em torno da caracterização das CTs, cumpre deixar clara a posição aqui assumida a respeito de uma velha polêmica que considera a Topicalização e o Deslocamento à Esquerda (DE) dois processos distintos, posição essa defendida, por exemplo, por Ross (1967). Segundo Callou et al. (1993: 315) essa diferença consiste “na possibilidade de vinculação do SN externo a uma categoria vazia ou a um elemento pronominal no interior da sentença que o segue”. No primeiro caso temos CT e, no segundo, DE.

De acordo com Pontes (p.82), essa distinção é impossível de ser estabelecida no português, “porque o pronome é opcional, a pausa é opcional, as funções no discurso são, na maior parte, as mesmas”. Devido à nebulosidade da questão, essa autora opta por desconsiderar essa distinção. Seguindo essa mesma trilha, consideram-se aqui como casos de topicalização, estruturas de tópico contendo, ou não, pronome cópia. Dessa sorte os exemplos (15) e (16), transcritos do *corpus* aqui em exame, são analisados como CTs:

(15) “**Mui gran poder á a Madre de Deus**
de deffender e ampara-los seus.”
(Cantiga 22, refrão)

(16) “**Este cantar o meny o atan ben o cantava.**”
(Cantiga 6, v.27)

Esclarecida esta questão, passemos ao exame dos aspectos fulcrais das investigações realizadas por Pontes (1987) e Braga (1986), quanto à caracterização das CTs.

A. Estatuto morfológico do SN tópico

Ao averiguar a classe gramatical do SN mais à esquerda, isto é, do SN tópico, Braga (1986), analisando o português falado pelos cariocas, nos revela que eles são instanciados como pronomes demonstrativos e pessoais, ou como substantivos próprios e comuns. Depois de fazer um levantamento quantitativo da ocorrência dessas classes, a autora acaba agrupando os pronomes (demonstrativos e pessoais) de um lado e os nomes (próprios e comuns) de outro, devido à baixa frequência detectada de nomes próprios e pronomes pessoais.

Analisando os dados obtidos de tal divisão, Braga (p. 397) concluiu que os pronomes demonstrativos configuram-se como o elemento com maiores probabilidades de ocorrer em CTs que envolvam objeto direto ao passo que, nas CTs de objeto indireto, tanto os nomes quanto os pronomes têm chances iguais de aparecerem na posição de tópico. Veja-se o exemplo abaixo, extraído dessa mesma autora:

(17) “Isso, há em todas as épocas.” (p. 396)

(18) “Filme de bang-bang, eu gosto.” (p.419)

B. Estatuto sintático do SN tópico

Analisando construções tópicas, Pontes (1987: 18-19) observa que, em português, o SN mais à esquerda corresponde a funções sintáticas variadas, o que é ilustrado por ela com exemplos como os de abaixo, transcritos de sua obra e com destaques meus:

a) sujeito:

(19) “**Carlos André**, quando quer alguma coisa, não sossega enquanto não consegue”.

b) objeto direto:

(20) “**Esse nego(cio) de tópico** eu tô examinando desde o semestre passado”.

c) objeto indireto:

(21) “**Meu cabelo** desta vez eu não gostei nem um pouco”.

d) Adjunto adnominal:

(22) “**Esse negócio** o prazo acaba”.

e) complemento nominal:

(23) “**Isso aí** eu tenho dúvida”.

f) adjunto circunstancial:

(24) “**Qualquer elemento** você pode fazer isso. (com...)”

g) adjunto predicativo (ou sujeito?)

(25) “**Banana ouro** – é a única que eu gosto”.

Pontes observa, ainda, que o tópico, no português atual, pode ocorrer em qualquer tipo de sentença, ou seja, tanto afirmativas, como negativas, exclamativas, interrogativas, assim como encaixadas. Vejamos os seguintes exemplos que pude coletar assistematicamente:

(26) Cachaça eu não bebo nem que me matem

(27) Meus óculos onde é que eu deixei eles?

(28) A “Beija-Flor” que beleza que ela estava!

(29) Eu acho que o carnaval daqui ninguém gosta.

Indo mais à frente em seu estudo, Pontes (1987: 34-35) chama-nos a atenção para um tipo de estrutura abaixo ilustrado, que apresenta o tópico cristalizado como sujeito, conforme referido na Introdução:

- (30) a. “Essa casa bate bastante sol.”
b. “A Belina deita o banco, sabe?”
c. “O meu carro furou o pneu.”

Considerando essas orações em moldes transformacionais, diríamos que se trata de estruturas derivadas de orações com sintagma adverbial locativo. Assim, (30 a), por exemplo, seria uma “corruptela” de ‘Nessa casa bate bastante sol’. No entanto, a autora não considera que haja coincidência semântica entre essas frases, uma vez que, quando o falante emitiu a frase (30 a), estava prezando a casa, enfatizando uma qualidade dela. Daí a sua opção por analisar estruturas como essa como de tópico já confundido com o sujeito.

A autora conclui, então, que o que está acontecendo no português contemporâneo é que as duas noções tópico-comentário e sujeito-predicado estão se mesclando nesse tipo de estrutura, ao ponto de não se distinguirem mais uma da outra (pelo menos na vertente oral).

Ao analisar tal tipo de construção, em que o tópico se identifica com o sujeito da sentença, Decat (1989) constata que parece tratar de um fenômeno recente da língua portuguesa, uma vez que, na análise por ela empreendida, não foi encontrada nenhuma ocorrência similar no *corpus* referente a sincronias pretéritas (séculos XVIII e XIX). Sendo assim, a

autora conclui que pode tratar-se de uma possível mudança sintática mais recente na nossa língua.

C. Presença/ausência de elemento correferente

Por vezes ocorre na sentença-comentário um pronome correferente ao tópico, considerado na Gramática Tradicional, como vimos, como um elemento *pleonástico*. Tal constituinte, de caráter redundante, na verdade, serve para caracterizar o tópico, visto que, às vezes, é difícil distinguir se o sujeito é tópico também ou apenas sujeito. Os estudos realizados por Pontes (op. cit., p. 26) mostram que “quando o tópico é idêntico ao sujeito da sentença-comentário, a ocorrência desse pronome é bem maior do que nos casos em que o tópico é correferente a outros elementos da S comentário”. No exemplo abaixo, retirado de Pontes (p.19), podemos observar essa função identificadora do tópico que o pronome correferente exerce:

(31) “Essa competência **ela** é de natureza mental”.

Nesse exemplo, o pronome **ela**, correferente do SN mais à esquerda e sujeito da oração comentário, é que caracteriza o todo sentencial como uma estrutura de tópico. Com sua ausência, o sujeito se confundiria com o tópico **essa competência**. A mesma Pontes aponta o seguinte papel exercido pelo elemento correferente: o de deixar claro o sujeito a que o falante se refere, quando o mesmo se distancia demais do seu predicado. Exemplo:

(32) “Meus filhos, quando cismam de comprar alguma coisa que eu e meu marido não temos condição de dar, **eles** apelam pro xingatório.”

Outra função do elemento correferente mencionada por Pontes (op. cit., p. 28) é a de ênfase, que ela comprova, a partir do confronto de exemplos como:

(33) a. “Eu, quando quero alguma coisa, vou direto ao assunto.”

b. “Eu, quando estou nervosa, **eu** não durmo mesmo.”

Do mesmo modo, em seu trabalho de 1986, Braga comprova, quantitativamente, que a grande função do pronome correferente é de lembrete da “cabeça do SN *sujeito*”, servindo, portanto, de marca da CT e de facilitador do processamento da informação.

Em relação ao estatuto morfológico do elemento correferente, podem aparecer nessa posição, segundo Pontes (1987), pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, advérbios e, até mesmo, o próprio SN repetido.

Quanto à questão do contexto favorecedor do uso do pronome correferente, tanto Braga quanto Pontes mostram que sua incidência é maior com tópico de sujeito, menor com tópico de objetos direto e indireto e menor ainda com tópico de adjunto adverbial ou de CTs constituídas de verbo impessoal. Ilustram essas possibilidades os seguintes dados transcritos Pontes (1987):

(34) “Eu, todo curso que eu fazia, eu estudava Camões.” (p. 28)

(35) “Esse buraco, menina, taparam ele outro dia.” (p. 78)

(36) “Washington a neve é pouca.” (p. 80)

(37) “O tópico é fácil de identificar o referente.” (p. 80)

D. Presença e posicionamento do sujeito nas CTs

Analisando a presença de sujeito em orações que envolvem CTs, Braga (1986), tal como Seabra (1994), constata que o grau de incidência de sujeito explícito é alto no português contemporâneo e que esse tipo de construção favorece a ordem VS.

Buscando explicar a presença do sujeito, aquela autora (p.399) entende que o falante, prevendo que a mudança verificada na ordem dos termos das CTs pode gerar ambigüidade, “preserva o sujeito da oração, procurando indicar, assim, qual SN deverá ser decodificado como sujeito”. Os dados abaixo, transcritos de Braga, exemplificam essa ocorrência:

(38) “Nem o talão de cheque, eu levo.” (p. 399)

(39) “Dona Regina, eu gosto.” (p. 418)

Note-se, nesses caso, que além da morfologia verbal (flexão de primeira pessoa), o sujeito aparece expresso.

Quanto à posição do sujeito em relação ao verbo, Seabra (1994: 98) constata que, no português contemporâneo, a anteposição desse constituinte é predominante, como ilustram os exemplos abaixo:

(40) “A solidão da pessoa, eu não a sinto.”

(41) “Aos preguiçosos, ela alerta que a passividade é aliada das das catástrofes.”

Dessa forma, a autora conclui que, na construção típica do português contemporâneo, o sujeito está presente e a ordem preferencial do sujeito em relação ao verbo é a anteposição.

1.2.1.2 As CTs no português arcaico

Objetivando conhecer alguns aspectos da topicalização e seus efeitos de sentido, Puccini (1989) busca investigar, em artigo breve, a sua incidência no galego-português, tal como expresso em cantigas de amigo do século XIII.

Considerando os casos de variação na ordem vocabular, particularmente os codificados em forma de pleonasma e hipérbato, como processos de topicalização, a autora analisa (p.52) o seguinte exemplo de pleonasma:

(42) “O anel do meu amigo
perdi-o ao lo uerde pinho.”

(Pero Gonzáles de Portocarreiro)

A autora observa que, ao alterar a ordem dos constituintes, apresentando a informação nova antes da velha, criou-se uma expectativa que enriqueceu e individualizou o trabalho do autor. Em seguida, a autora apresenta o seguinte exemplo (p. 52):

(43) “...ca iá meus olhos uyu alguen
e meu bon talh’...”

(Joan Garcia de Guilhade)

Tomando o exemplo acima como um caso de hipérbato, Puccini deixa clara a relação de topicalização do SN objeto direto *meus olhos* e a importância que os olhos femininos tinham nas cantigas de amigo. Como o corpo todo ficava coberto pela roupa, o rosto era a parte que mais

despertava a atenção. Daí a posição de *meus olhos* logo no rosto do período.

A autora observa que a variação na ordem das palavras não significava apenas uma alteração de nível sintático, mas acarretava um efeito de sentido, fruto da escolha do autor. Dessa forma, conclui que não se pode separar forma de conteúdo e menos ainda considerar que a posição dos elementos na sentença seja apenas exigência lingüística.

Outro trabalho voltado para a fase galego-portuguesa do português arcaico, é o de Leão (2000), que investiga, entre outros aspectos, o uso do anacoluto e do hipérbato por parte de D. Afonso X nas **Cantigas de Santa Maria**. A autora chama a atenção para o grande número de anacolutos e de topicalizações encontrado nessa obra, destacando, ainda, a presença ou não do elemento correferente ao tópico, conforme atestado no exemplo abaixo:

(44) *A Virgen Santa Maria*
todos a loar devemos
(...)

(Cantiga 8, refrão)

No que tange às construções com anacoluto, Leão ressalta que esse tipo de estrutura prevê uma ruptura radical na ordem e na estrutura da oração, não se tratando apenas do deslocamento de um elemento para o início da frase como a topicalização. Destacando a importância semântica e estilística do anacoluto, ela apresenta o seguinte exemplo:

(45) *Quantos en Santa Maria*
esperança an,
ben se porra sa fazenda

(Cantiga 66, refrão)

Paralelamente ao anacoluto, a autora examina outro fenômeno sintático do cancionero afonsino: o hipérbato. Conforme já referido anteriormente, Leão destaca a grande recorrência desse tipo de estrutura, ressaltando sua importância para a manutenção do ritmo, da rima e da beleza dos versos, como em:

(46) *Santa Maria amar
devemos muit' e rogar
que a ssa graça ponna
sobre nos, por que errar
non nos faça, nen peccar,
o demo sen vergonna.*
(Cantiga 7, refrão)

1.2.1.3 CTs e discurso

Analisando o “status informacional” do SN tópico, Braga (1986) parte de três categorias de classificação, quais sejam *novo*, *evocado*, *inferível*. Segundo a autora, se um referente estiver sendo mencionado pela primeira vez no discurso, será classificado como *novo*; se já tiver sido mencionado no discurso anterior ou se estiver presente no contexto discursivo, será tomado como *evocado*; e se for dedutível de outras entidades do discurso será classificado como *inferível*. Os exemplos abaixo, transcritos de Braga (p. 404), ilustram essas possibilidades:

A. Novo:

(47) “o temperamento daquele homem não era bem o que ela idealizou.
Ela ia, ela enfrentava esse casamento até a morte. Por causa dos

filhos, eu estou dizendo em tese, porque a... o desquite, também no seu tempo, havia.”

B. Evocado:

(48) “eu só viajo com dinheiro para condução, porque eu ando com talão de cheque, e, aos sábados, quando eu saio para passear, nem o talão de cheque eu levo.”

C. Inferível:

(49) “Ele estudou comigo também. Ó: primeira série, segunda, terceira, quarta, a quinta e a sexta; a sétima, ele repetiu.”

No que diz respeito às CTs que envolvem **objeto direto**, a autora observa que ocorrem, preferencialmente, referentes *inferíveis* e *evocados*. Para ela, o fato de essas categorias serem predominantes se deve a aspectos relacionados à ordem não-marcada dos constituintes frasais. Uma vez que, em português, o OD, normalmente, expressa a informação nova e a ordem das palavras na oração tende a ser S V OD OI, uma CT de objeto direto expressando informação nova constituiria um duplo desvio: o da ordem frasal e o da tendência de se colocar a informação velha antes da informação nova. Daí a predominância de CTs com referentes inferíveis ou evocados. O mesmo foi observado em CTs que envolvem **objeto indireto**, como os exemplos abaixo, transcritos da mesma Braga (p. 419):

A. Novo:

(50) “mandou agradecer milhares e mais milhares à senhora. Eu digo: Não, tem que agradecer aquele lá de cima. Porque não é a mim. É aquele lá de cima! Porque, meus filhos, quando estão assim, eu trato logo de dar.”

B. Evocado:

(51) “Aí eu não gosto muito de disco, não. Gosto mais de fita, fita, eu gosto.”

C. Inferível:

(52) “Eu adoro cinema ver mais o que? Praia, eu gosto apesar de que agora estou há um mês quase sem ir à praia.”

No tocante ao “status informacional” das **CTs-sujeito**, a autora observa que, nesse tipo de construção, predominam referentes *novos*. A conclusão, afirma a autora, é que isso indica que as CTs que envolvem sujeitos são condicionadas pelo discurso e que “uma de suas funções é, justamente, a introdução de novas entidades à cena.” (p.440)

Em um outro ponto de sua análise, Braga analisa a contribuição das CTs para o desenvolvimento do tópico discursivo, utilizando as categorias estabelecidas por Ochs e Schieffelin (1979). A autora destaca que um trecho discursivo pode conter vários tópicos inter-relacionados. Dessa forma, podemos ter trechos discursivos contínuos ou descontínuos, assim descritos por Braga:

A. Seqüência discursiva contínua

Uma seqüência será considerada contínua, quando o tópico apresentar uma das duas possibilidades abaixo:

- a. tópico discursivo **colaborador** – quando um enunciado produzido compartilha o tópico discursivo do enunciado anterior. Repetições, perguntas-respostas são exemplos desta possibilidade.
- b. tópico discursivo **incorporador** – quando um tópico discursivo apresentar alguma pressuposição do discurso imediatamente anterior.

B. Seqüência discursiva descontínua

Uma seqüência será considerada descontínua quando ocorrer uma das seguintes possibilidades:

- a. tópico discursivo **introdutor** – quando se introduz um tópico discursivo que não se relaciona com o enunciado precedente.
- b. tópico discursivo **reintrodutor** – quando um tópico que já fora mencionado em algum ponto remoto do discurso for reintroduzido. A autora ressalta que remoto é qualquer enunciado anterior ao penúltimo.

A partir das funções discursivas analisadas, a autora deduz que um papel comum da CTs consiste em retomar um item anterior ou um conceito já referido no discurso. Dessa forma, ela aponta o que parece ser a macro-

função das estruturas de tópico: uma volta ao texto anterior – o que as caracteriza como um dos mecanismos de coesão de que o discurso dispõe. A propósito, Pontes chega a essa mesma conclusão, uma vez que, como já dito anteriormente, na sua análise, o SN inicial nas orações com pronome correferente, se configura como um SN dado, normalmente repetido. Portanto, para ela, isso significa que o SN tópico funciona como um elemento coesivo no discurso.

1.2.2 Visão diacrônica: as CTs em seu percurso evolutivo

1.2.2.1 O trabalho de Decat (1989)

Em seu trabalho, Decat (1989) observa o percurso evolutivo das CTs em fases pretéritas de nossa língua e utiliza dados escritos correspondentes aos séculos XVIII, XIX e XX (1º metade), extraídos de correspondências e diários. A partir daí, a autora registra 99 construções de tópico em um total de 244 estruturas sentenciais examinadas. Ela analisa as estruturas de tópico coletadas, com o fim de detectar os fatores lingüísticos que atuam como condicionadores e caracterizadores de uma mudança, segundo a qual o usuário do português contemporâneo estaria reanalisando certos enunciados contendo tópico como estruturas canônicas de “sujeito – predicado”, conforme ilustrado a seguir:

(53) Minhas gavetas não cabem mais nada.

Frequente no português atual, segundo mostrado por Pontes (1987), aqui já referido, esse tipo de construção não foi encontrado por Decat nos

textos pretéritos com que trabalhou – o que aponta para uma mudança ainda em progresso no estágio atual do português do Brasil.

Em sua análise, a autora distribui os dados coletados em dois grandes conjuntos de CTs: o primeiro contendo as CTs de sujeito e o segundo, as de complemento, que compreendem as de objeto direto, de objeto indireto de adjunto adverbial, etc. No esquema abaixo, expõem-se as principais conclusões a que a autora chegou em seu estudo:

- a) a posição do elemento correferente nas CTs-complemento, nos séculos XVIII e XIX, apresenta-se de maneira equilibrada, ora antes, ora depois do verbo; já no século XX, a posição preferencial é antes do verbo;
- b) no caso das CTs-complemento, a autora constatou que “a ocorrência de SN sujeito (SN₂) em posição pré-verbal se alterna com sua ausência (∅)” (p.10);
- c) a presença de material interveniente entre o tópico (de sujeito ou de complemento) e o verbo é variável, podendo ocorrer ou não;
- d) o elemento correferente, quando ocorre, é expresso por pronome pessoal (clítico ou não), por pronome indefinido, demonstrativo ou outro tipo de expressão anafórica. No caso de CTs que envolvem sujeito, a correferência se estabelece principalmente através de pronomes indefinidos, demonstrativos e numeral, sendo poucos os casos de correferência com pronome pessoal.

Analisando a questão dos clíticos, Decat (1989) observa que a taxa de ocorrência dos clíticos na posição de correferentes é decrescente no correr dos séculos, até quase desaparecer no português atual. Essa queda começa a ser percebida a partir da 2^a. metade do séc. XIX, até chegar à

situação vigente, em que se tem uma maior incidência de não-clíticos como correferentes. Considerados os estudos de Galves (1987), Tarallo e Kato (1989), isso pode, segundo a autora, evidenciar que esse decréscimo no uso dos clíticos mostre uma sintaxe brasileira diferente da portuguesa. Apesar dessa queda na frequência de correferência, a autora observa que, quando essa se dá com CTs-complemento, há um aumento da taxa de ocorrência dos clíticos, o que a faz considerar a hipótese de que as CTs funcionem como ‘gatilho’ desencadeador de correferência.

1.2.2.2 O trabalho de Seabra (1994)

Numa abordagem diacrônica, Seabra (1994) investiga as CTs na modalidade escrita do português, selecionando duas fases da língua: os séculos XV e XX. Objetivando descrever e confrontar o estatuto das CTs nesses dois períodos e, ainda, comprovar seu uso também na língua escrita, como já havia feito Pontes, a autora examina, como *corpus* representativo do período arcaico, o **Leal Conselheiro**, de D. Duarte, escrito entre 1428 e 1437, e como *corpus* do português contemporâneo, exemplares do jornal **Folha de São Paulo**, relativos ao período de 1º a 31 de julho de 1993. Os resultados obtidos nessa investigação podem ser assim resumidos:

A. Estatuto das CTs no século XV

- a) no português arcaico, a CT típica é aquela que se enquadra na descrição [+SN₁, - SN₂, -Corref.], ou seja, em que o sujeito (SN₂) não é preenchido e o elemento correferente é ausente, padrão que totaliza 72% das estruturas analisadas;
- b) a frequência de elemento correferente, nessa fase, é baixa (5,7%);

- c) a autora registrou oito funções sintáticas preenchidas pelas CTs, nessa fase, quais sejam: adjunto adnominal, sujeito, agente da passiva, predicativo, complemento nominal, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial;
- d) a frequência de adjunto adverbial (Sprep) como tópico é alta (47,6%);
- e) a ordem do SN2 (sujeito) é , preferencialmente, pré-verbal (67%);
- f) a frequência de tópico-sujeito é baixa (0,85%);
- g) a taxa de ocorrência do SN2 (sujeito) é também baixa (24,9%).

A propósito dos resultados apresentados por Seabra, vale ressaltar que a ela arrola como CTs estruturas com tópico expresso por sintagma preposicionado em funções como de adjunto adverbial, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva e adjunto adnominal, diferentemente, pois, de Braga (1984, 1986), Pontes (1987), Decat (1989) e Puccini (1989), cujos dados apresentam o tópico expresso por um sintagma nominal (SN), ou seja, sem elemento preposicional. Os exemplos abaixo, retirados do trabalho de Seabra, ilustram a sua opção:

(54) “**Na memória** faço duas deferenças.” (p.79)

(55) “**Com as mulheres** poucas palavras deve homem aver e ásperas.”
(p.77)

B. Estatuto das CTs no português contemporâneo

- a) a CT prototípica do português do séc. XX é aquela que se enquadra na descrição [+SN1, +SN2, -Corref.], em que o sujeito

- (SN2) da sentença comentário está presente e o elemento correferente, ausente, totalizando 89% das construções analisadas;
- b) a frequência de elemento correferente é baixa (1%). A ocorrência dele se dá quando o SN2 (sujeito) está presente na oração;
 - c) nessa fase do português, a autora registrou cinco funções sintáticas preenchidas pelas CTs, a saber: adjunto adnominal, predicativo, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial;
 - d) a frequência de adjunto adverbial (Sprep) como tópico é alta (90,6%);
 - e) a ordem preferencial do SN2 (sujeito) é pré-verbal (89,2%);
 - f) a taxa de ocorrência do SN2 (sujeito) é alta (89,7%), diferentemente da fase arcaica da língua;

1.3 Conclusão

Neste capítulo, procurou-se fornecer um panorama geral das questões que envolvem as estruturas de tópico na língua portuguesa.

Examinando gramáticas tradicionais e trabalhos orientados pela lingüística moderna, constatamos que as primeiras abordam a questão de maneira muito breve, alocando-a em seção dedicada ao estudo das figuras de linguagem. Por outro lado, os estudiosos contemporâneos, inseridos nas áreas da Sociolingüística e/ou da Análise do Discurso, contribuem muito mais para o esclarecimento da questão.

Dentre os estudos aqui examinados, predominam os de caráter sincrônico. Desses, o de Pontes (1987) é, sem dúvida, o mais importante, uma vez que lança a semente para diversas discussões em nível sincrônico e diacrônico.

Tratando dessas construções numa perspectiva diacrônica foram arrolados os trabalhos de Puccini (1989), que trabalha com uns poucos

dados do século XIII, Decat (1989), que analisa as CTs nos séculos XVIII, XIX e XX (1^a. metade), Seabra (1994), que investiga os séculos XV e XX, além de Leão (2000), que investiga aspectos da linguagem das **Cantigas de Santa Maria**.

Pelo que se examinou, percebe-se que a questão do tópico não se esgota nesses trabalhos e que há pontos obscuros a serem esclarecidos. De minha parte, espero oferecer alguma contribuição, analisando estruturas de tópico nas **Cantigas de Santa Maria**, datadas do século XIII.

CAPÍTULO 2

AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*: ESTATUTO GRAMATICAL

Feitas as considerações pertinentes acerca do tratamento (direto ou indireto) conferido às construções de tópico pela Gramática Tradicional e por estudos (sincrônicos e diacrônicos) alicerçados na Linguística Moderna, passo, neste capítulo, ao exame das mesmas, nas **Cantigas de Santa Maria** (C.S.M.), focalizando, particularmente, suas propriedades formais e semânticas no nível da sentença, ou seja, no plano micro sintático, como diz Koch (2000).

Para tanto, procuro abordá-las em termos dos seguintes aspectos: a configuração estrutural do tópico; os tipos de constituintes que podem ocupar essa posição; a presença ou ausência de elemento correferente; o estatuto morfológico desse correferente e, por fim, a posição ocupada pelo SN sujeito nesse tipo de estrutura.

Segundo já aludido anteriormente, tal como Braga (1984 e 1986), Decat (1989) e Seabra (1994), adoto, como descrição estrutural das CTs, o seguinte esquema de Prince (1980), para quem o **tópico** corresponde sempre ao constituinte X_1 no seguinte contexto:

$$\begin{array}{cccc} [& [X_1] & [\dots & [X_2] \dots]] \\ S & SN & & SN \end{array}$$

em que:

- X_1 e X_2 precisam ser correferenciais;

- X₂ precisa ser ou uma lacuna (anáfora zero) ou um elemento correferencial³.

Seguindo tal roteiro, busco proceder a uma análise qualitativa articulada, na medida do possível, com material quantitativo, apresentado em termos numéricos absolutos e percentuais.

2.1 Do perfil configuracional dos SNs tópicos

Nesta seção, levo em conta o perfil configuracional das CTs vigentes no *corpus* em exame, considerando a conformação sintática, oracional ou não-oracional, do SN tópico. Os dois grupos de dados que ilustram cada uma dessas possibilidades demonstram a ocorrência desses dois tipos configuracionais de tópico nas **C.S.M.**, aqui denominados complexo e simples:

A. Tópico simples

Com maior frequência encontramos o tópico constituído de um SN simples, isto é, sem constituinte oracional ligado ao seu núcleo. Exemplos:

- (1) a. *Mayor miragre do mundo*
ll' ant' esta Sennor mostrara
(Cantiga 2, v. 27-30)

3. Conforme justificado na nota 1, o elemento correferencial não é expresso apenas pronominalmente, mas também por outras classes de palavras.

b. (...) *ca lle parecia
que ostias a comer
lles dava Santa Maria.*
(Cantiga 4, v. 35-37)

c. . *Miragres fremosos
faz por nos Santa Maria,
e maravillosos.*
(Cantiga 37, refrão)

B. Tópico complexo

Menos comum do que o simples, o tópico complexo, nas C.S.M., pode aparecer incorporando uma oração subordinada. Exemplos:

(2) a. *A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
um meny o d'Irrael.*
(Cantiga 4, refrão)

b. *Maravilloso miragre d'oir
vos quer'eu ora contar sen mentir,
de como fez o diabre fogir
de Roma a Virgen de Deus amada.*
(Cantiga 17, v. 5-8)

c. *A que faz o que morre
viv', e que nos acorre,
porqué a non loades?*
(Cantiga 260, v. 14-16)

Observando, inicialmente, o estatuto configuracional das CTs arroladas no primeiro grupo de dados acima referidos, ou seja, os exemplos com estruturas de tópico simples, vemos que, no exemplo (1a), o SN topicalizado é formado de Modificador + N + Modificador.

Funcionando como uma espécie de anáfora lexical, esse SN remonta ao que foi expresso no refrão (...*que sas graças e seus dões dá...*). O efeito da topicalização desse SN é que com isso desloca-se a atenção do que estava sendo dito nas estrofes anteriores para o fato miraculoso a ser narrado a partir de então, fato esse que, vale lembrar, é o “mayor miragre do mundo”. No exemplo (1b), o elemento topicalizado, de estrutura mais simples, aparece no interior de uma oração subordinada e é constituído por um SN lexical nu, isto é, desprovido de determinantes e de modificadores. Por fim, no exemplo (1c), o tópico é composto por elementos coordenados (*Miragres fremosos e maravillosos*) que aparecem em seqüência descontínua.

Passando, agora, para o segundo grupo de dados, quais sejam os exemplos com tópicos de conformação oracional, constatamos que o exemplo (2a) é iniciado com um epíteto que tem como referente a Virgem Santa Maria, recurso que o rei-autor explora com maestria em todo o cancionero. Tópico da sentença, esse epíteto é formado por um SN complexo, isto é, por um SN + uma oração relativa, conjunto esse, retomado depois, anaforicamente, por meio do pronome demonstrativo correferente *essa*. Já (2b) nos apresenta um SN modificado por uma oração reduzida de acepção final. Por sua vez, o exemplo (2c) porta uma configuração formal mais complicada, apresentando um antecedente + uma oração relativa, que é composta de um verbo causativo + objeto causado, seguido de oração relativa, que, por sua vez, é coordenada a outra oração relativa. Esses exemplos demonstram que há diferentes tipos de tópico oracional, porém o mais comum é o formado por SN + oração adjetiva.

Do ponto de vista quantitativo, esclareça-se, que, na amostra aqui selecionada (compreendendo as primeiras cinqüenta cantigas), foram encontradas poucas estruturas com tópicos complexos. No entanto, embora

numericamente inferiores, elas aparecem em todo o cancionero afonsino. Evidência disso são os dados como os de abaixo, transcritos de cantigas que não integram o *corpus* em estudo:

(3) *Toda cousa que aa Virgen seja prometuda,
dereit' é e gran razon que lle seja teuda.*
(Cantiga 117, refrão)

(4) *A Madre do que a bestia/ de Balaam falar fez
ar fez pois h a ovella/ ela falar h a vez .*
(Cantiga 147, refrão)

(5) *Coraçon d'om'ou de moller/ que a Virgen muit'amar,
maca-lo encobrir queiran,/ ela o faz pois mostrar.*
(Cantiga 188, refrão)

Pelo que nos foi dado ver aqui, conclui-se que nas **C.S.M.** o tópico pode apresentar um perfil configuracional variado, que vai desde um SN simples a um SN complexo, isto é, constituído de SN + Sentença.

Quanto ao quadro numérico, referido acima apenas de passagem, temos que, dos dois tipos de CTs analisados nesta seção, o tópico não-oracional é o mais recorrente, o que pode ser atestado pelos números apresentados na tabela abaixo:

TABELA 1

Taxa de freqüência das CTs segundo a configuração estrutural do SN
tópico

| Estrutura do tópico | Ocorrência | |
|----------------------|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Oracional | 30 | 40% |
| Não oracional | 45 | 60% |
| Total | 75 | 100% |

Outro aspecto a comentar aqui tem a ver com o tipo de ruptura sintática e semântica do tópico em relação ao resto da sentença. Quanto a isso temos uma verdadeira “escala de topicidade”, que vai desde as chamadas construções de anacoluto até as estruturas com pleonasma, ou seja, com constituinte correferente ao tópico. Os dados abaixo ilustram as possibilidades previstas nessa escala:

(6) *Esta dona que tenno por Sennor
e de que quero seer trobador,
se eu per ren poss’ aver seu amor,
dou ao demo os outros amores.*
(Cantiga 10, v. 19-22)

(7) *Rachel, sa madre, que ben
grand’ a seu fillo queria,
cuidando sen outra ren
que lle no forno ardia,
deu grandes vozes poren
e ena rua saya;*
(Cantiga 4, v. 70- 75)

(8) *A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
um meny o d’Irrael.*
(Cantiga 4, refrão)

No exemplo (6), temos uma CT correspondente ao que os autores tradicionais definem como construção com anacoluto. Menos freqüente nas **C.S.M.**, esse padrão é passível de ser encontrado de um modo esparso em todo o cancionero. Evidência disso é o exemplo abaixo, que não integra o *corpus* aqui em apreço:

(9) *Mais aquela que parindo Virgen foi enteira,
A que ss’ ele noit’ e dia sempr’ acomendava
e que o daquel pecado tirasse rogava,*

*que o ben que el fazia todo desatava
e fazia sa promessa sempre mentireira.*

(Cantiga 137, v.18-23)

Por sua vez, em (7) tem-se um exemplo de CT de sujeito sem elemento correferente, mas com tópico morfologicamente recuperável na desinência do verbo (*deu*) que constitui o núcleo de seu predicado. Já em (8) temos uma CT constituída de elemento correferente, que, além de servir de indício desse tipo de estrutura, denuncia um maior grau de gramaticalização.

2.2 Do papel sintático dos SNs tópicos

Similarmente à situação vigente no português brasileiro contemporâneo, descrita pioneiristicamente por Pontes (1987), o cancionero mariano de D. Afonso X nos oferece bons exemplos de CTs contendo tópico correspondente a variadas funções sintáticas, a saber: sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e adjunto adnominal, predicativo do sujeito, etc. Comprovam-nos isso os seguintes dados:

A. De sujeito

(10) a. ***O demo**, quand' entendía
esto, con pavor fugia;*

(Cantiga 11, v.72-73)

b. *Mas **o meny** ', a pouco pois que naceu,
d a forte fever mui cedo morreu*

(Cantiga 21, v. 25-26)

c. *Os monges, porque sentian | a ssa casa mui menguada,
entre ssi acord' ouveron | de lle non daren en nada,
ca t ian por sobervia | de beber agua conprada*

(Cantiga 48, v. 26-28)

B. De objeto direto

(11) a. *E por aquest' **un miragre** / vos direi, de que sabor
averedes poy-l' oirdes, / que fez en Rocamador
a Virgen Santa Maria, / Madre de Nostro Sennor*
(Cantiga 8, v. 7-9)

b. *Mui gran poder á a Madre de Deus
de deffender e ampara-los seus.*
(Cantiga 22, refrão)

c. *Fremosos miragres faz que en Deus creamos,
e maravillosos, por que o mais temamos.*
(Cantiga 37, v.6-7)

C. De objeto indireto

(12) *e o padre, que o mal
fezera per sa folia,
deron-ll' enton morte qual
quis dar a seu fill' Abel.*
(Cantiga 4, v.101-104)

D. De adjunto adverbial de lugar

(13) *Todo lugar mui ben pode sseer deffendudo
o que a Santa Maria á por seu escudo.*
(Cantiga 28, refrão)

E. De adjunto adnominal

- (14) *Maestre Bernald' avia | nom' un que er' en dayan
da egreja, ome bõo, | manss' e de mui bon talan,
que por aver Parayso | sempre soffria afan;
este foi conas relicas | polas fazer connocer.*
(Cantiga 35, v.30-33)

F. De predicativo do sujeito

- (15) a. *Duas lançadas lle deu un peon,
mas non ll' entraron; e escantaçon
cuidou que era o coteif', enton
mais bravo foi que Judas Macabeus.*
(Cantiga 22, v. 20 – 23)

- b. *Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento
quen contra Santa Maria filla atrevemento.*
(Cantiga 34, refrão)

Obviamente, tal qual no português hodierno e em outras fases do mesmo, o grau de ocorrência desses tipos de tópicos não é o mesmo. A tabela abaixo nos fornece informações acerca de sua taxa de uso no *corpus* em questão:

TABELA 2

Distribuição e taxa de uso das CTs segundo a função sintática do tópico

| Função sintática do elemento na posição de tópico | Ocorrência | |
|--|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Sujeito | 29 | 38,7% |
| Complemento – objeto direto | 40 | 53,3% |
| Complemento – objeto indireto | 2 | 2,7% |
| Adjunto adverbial (de lugar) | 1 | 1,3% |
| Adjunto adnominal | 1 | 1,3% |
| Predicativo do sujeito | 2 | 2,7% |
| Total | 75 | 100% |

Confrontando os dados acima apresentados com os de Seabra (1994), que, como já aludido no capítulo anterior, investigou as CTs em dois recortes sincrônicos, quais sejam ao séculos XV e XX, podemos constatar que, nas **C.S.M.**, o número de funções sintáticas preenchidas pelo tópico é inferior. A autora, acima referida, registrou no recorte do século XV oito funções sintáticas preenchidas pelas CTs, a saber: adjunto adnominal, sujeito, agente da passiva, predicativo, complemento nominal, objeto indireto, objeto direto e adjunto adverbial. Todavia o panorama vigente no século XX é mais restrito, tendo sido registradas pela autora cinco funções: adjunto adnominal, predicativo, objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial. Em ambas as fases, segundo ela, a função sintática predominante é a de adjunto adverbial, seguida da função de objeto indireto.

A propósito disso, cumpre lembrar, uma vez mais, que Seabra, diferentemente de Braga (1984, 1986), Pontes (1987), Decat (1989) e de Puccini (1989), considerou como tópicos SPreps (Sintagmas Preposicionados) em função de adjunto adverbial, de objeto indireto, ou até mesmo de complemento nominal e adjunto adnominal, o que significa um quadro qualitativa e quantitativamente distinto do obtido por essas últimas autoras e pelo quadro aqui delineado. Os exemplos abaixo, retirados por Seabra de **O leal conselheiro**, do rei Duarte, ilustram o seu caminho de análise:

(16) “**Na prudência** o ssobejo se chama...” (p.71)

(17) “porque **aos tristes** muytas vezes lhes praz fallar...” (p.72)

(18) “**Antre nojo e tristeza** eu faço tal diferença...” (p.73)

De minha parte, diferentemente de Seabra (1994), prefiro seguir a posição defendida por Pontes (1987) e demais autoras supracitadas, para

quem no português a preposição não é necessária, sendo suprimida quando da topicalização de um sintagma preposicionado. Assim, justifica-se a baixa ocorrência de objeto indireto e adjunto adverbial na posição de tópico, no cancionero afonsino, já que se coletaram aqui somente os casos em que tais constituintes aparecem desprovidos de preposição, configurando-se, pois como SNs, conforme previsto no quadro descrito de Prince (1980), aqui adotado. Dessa sorte, os dados abaixo apresentam Spreps que não foram considerados aqui elementos de CTs, já que fogem a esse quadro:

(19) *Sobr' esto deu Cezar seu joyz' atal*

(Cantiga 27, v.30)

(20) *Nas mentes senpre tçer
devemo-las sas feituras
da Virgen, pois receber
as foron as pedras duras.*

(Cantiga 29, refrão)

(21) *Onde ao Bispo / daquele bispado
en que el morava / foi end' acusado*

(Cantiga 32, v. 17-18)

Para finalizar a presente seção, consideremos a pesquisa empreendida por Decat (1989), que investiga a ocorrência de CTs em documentos dos séculos XVIII e XIX e da primeira metade do século XX. Conforme já aludido, a autora distribuiu os dados coletados em dois grandes conjuntos de CTs: o primeiro grupo contendo as CTs de sujeito e o segundo, as de complemento, que compreendem as de objeto direto, de objeto indireto de adjunto adverbial, etc., ou seja, de constituintes pós-verbais. Embora a divisão feita por ela seja diferente da apresentada nesse trabalho, pode-se constatar um paralelismo quantitativo entre os dois

quadros, a saber: preferência pela topicalização de constituinte pós-verbal. Em todas as fases pesquisadas por Decat, de sincronia pretérita ou de sincronia presente (esta última baseada nos estudos de Braga, 1984 e 1986, e de Pontes, 1987), a incidência das CTs-complemento foi predominante. O mesmo acontece no cancionero mariano, conforme se pode comprovar na Tabela 3, abaixo, em que se tem a mesma distribuição adotada por Decat e os mesmos resultados quantitativos por ela obtidos:

TABELA 3

Distribuição das CTs em CTs de sujeito e de complemento

| Tipos de CTs | Ocorrência | |
|------------------------|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| CTs de sujeito | 29 | 38,7% |
| CTs-complemento | 46 | 61,3% |
| Total | 75 | 100% |

Tomando, individualmente, cada tipo de complemento/adjunto, sabe-se pela Tabela 2, que os dados numéricos favorecem de longe a ocorrência de objeto direto.

2.3 Da ocorrência de elemento correferente

2.3.1 Presença X ausência

Conforme já dito no capítulo teórico, é comum, no português, a presença, na esfera da sentença-comentário, de um elemento correferente ao tópico. Corroborando os dados de Puccini (1989), relativos a uma cantiga de amigo datada do século XII, nas **C.S.M.**, também se registra essa ocorrência anafórica, que, adiante-se, não é o recurso preferido. Os

exemplos abaixo ilustram os dois tipos de estrutura encontradas no *corpus*, a saber: **com** e **sem** elemento correferente:

A. Com elemento correferencial

(22) a. *Este cantar o meny o atan ben o cantava.*
(Cantiga 6, v. 27)

b. *E por aquest' **un miragre** vos direi, de que sabor
averedes poy-l' oirdes, que fez en Rocamador
a Virgen Santa Maria, Madre de Nostro Sennor;
ora oyd' o miragre, e nos contar-vo-lo-emos.*
(Cantiga 8, v. 7-10)

c. ***Maestre Bernald'** avia | nom' un que er' en dayan
da egreja, ome bõo, | manss' e de mui bon talan,
que por aver Parayso | sempre soffria afan;
este foi conas relicas | polas fazer connocer.*
(Cantiga 35, v.30-33)

B. Sem elemento correferencial

(23) a. *Mayor miragre do mundo
ll' ant' esta Sennor mostrara,
u con Rei Recessiundo.*
(Cantiga 2, v. 27-30)

b. ***Fremosos miragres** faz que en Deus creamos,
e maravillosos, por que o mais temamos.*
(Cantiga 37, v. 6-7)

c. ***O tafur**, quand' esto vyu, con yrados
ollos a catou, e começou-a mal a trager*
(Cantiga 38, v. 44-45)

A tabela abaixo nos fornece informações acerca do índice quantitativo de presença/ausência do elemento correferente, nas CTs do *corpus* em questão.

TABELA 4

Índice de presença de elemento correferente nas CTs do *corpus*

| Presença/ausência de elemento correferente | Grau de incidência | |
|--|--------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Presença | 9 | 12% |
| Ausência | 66 | 88% |
| Total | 75 | 100% |

Com base nos dados da tabela 4, constata-se que a frequência de elemento correferente é baixa no cancionero afonsino. Tal fato, conforme já aludido, vem corroborar o estudo de Seabra (1994), que também registra uma baixa taxa de incidência desse elemento em ambas as fases que pesquisou, arcaica (século XV) e contemporânea.

No caso de presença de elemento correferente, uma primeira restrição a fazer é que ela não se estende a todos os tipos de tópico, mas a alguns correlacionados a certas funções sintáticas, a saber: sujeito e complemento verbal, direto e indireto. Além disso, dentro desse último grupo a proporção de uso é desigual: todas as CTs de objeto indireto coletadas apresentam correferente e as de objeto direto, um índice maior desse elemento que as de sujeito. A tabela 5, apresentada a seguir, fornece informações acerca da relação função sintática X grau de incidência de elemento correferente:

TABELA 5

Distribuição e taxa de uso de elemento correferente segundo a função sintática do SN tópico

| Função sintática do SN tópico | Presença de elemento correferente | |
|-------------------------------|-----------------------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Sujeito | 1 | 11,1% |
| Complemento – objeto direto | 5 | 55,6% |
| Complemento – objeto indireto | 2 | 22,2% |
| Adjunto adverbial | 0 | 0% |
| Adjunto adnominal | 1 | 11,1% |
| Predicativo do sujeito | 0 | 0% |
| Total | 9 | 100% |

A ausência de elemento correferente é verificada nas CTs com tópico de qualquer função sintática encontrada, exceto as de objeto indireto. Os dois grupos de dados abaixo ilustram casos de ocorrência ou não de elemento correferente, segundo a função sintática do SN tópico:

A- Tipos de CTs com elemento correferente

a) de sujeito:

- (24) *A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
um meny o d'Irrael.*
(Cantiga 4, refrão)

b) de objeto direto:

(25) a. *Este cantar o meny o atan ben o cantava,*
(Cantiga 6, v. 27)

b. *A Virgen Santa Maria*
todos a loar devemos,
cantand'e con alegria,
quantos seu ben atendemos.
(Cantiga 8, refrão)

c) de objeto indireto:

(26) a. *e o **padre**, que o mal*
fezera per sa folia,
deron-ll' enton morte qual
quis dar a seu fill' Abel.
(Cantiga 4, v.101-104)

d. de adjunto adnominal:

(27) *Maestre Bernald' avia | nom' un que er' en [dayan*
da egreja, ome bõo, | manss' e de mui bon [talan,
que por aver Parayso | sempre soffria afan;
este foi conas relicas | polas fazer connocer.
(Cantiga 35, v.30-33)

B- Tipos de CTs sem elemento correferente

a) de sujeito

(28) a. *O meny ' enton da fossa, / en que o soterrara*
o judeu, começou logo/ en voz alta e clara
a cantar "Gaude Maria",/ que nunca tan ben cantara
(Cantiga 6, v.67-69)

b. *Eles, pois viron o miragr' atal
que fez a Reynna esperital,
creveron ben, ca ant' eran encreus.*
(Cantiga 22, v.31-33)

b) de objeto direto:

(29) a. *Mayor miragre do mundo
ll' ant' esta Sennor mostrara,
u con Rei Recessiundo.*
(Cantiga 2, v. 27-30)

b. *Gran poder á de mandar
o mar e todo-los ventos
a Madre daquel que fez
todo-los quatr'elementos.*
(Cantiga 33, refrão)

c) de adjunto adverbial de lugar:

(30) *Todo logar mui ben pode sseer deffendudo
o que a Santa Maria á por seu escudo.*
(Cantiga 28, refrão)

d) de predicativo do sujeito:

(31) a. *Duas lançadas lle deu un peon,
mas non ll' entraron; e escantaçon
cuidou que era o coteif', enton
mais bravo foi que Judas Macabeus.*
(Cantiga 22, v. 20 – 23)

b. *Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento
quen contra Santa Maria filla atrevemento.*
(Cantiga 34, refrão)

Complementando as informações numéricas contidas na tabela 5, apresentada anteriormente, na tabela 6, abaixo, são apresentados os índices de ausência de elemento correferente, segundo a função sintática do SN tópico:

TABELA 6

Índice de ausência de elemento correferente segundo a função sintática do SN tópico

| Função sintática do SN tópico | Ausência de elemento correferente | |
|-------------------------------|-----------------------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Sujeito | 28 | 42,4% |
| Objeto direto | 35 | 53,0% |
| Objeto indireto | 0 | 0% |
| Adjunto adverbial | 1 | 1,6% |
| Adjunto adnominal | 0 | 0% |
| Predicativo do sujeito | 2 | 3,0% |
| Total | 66 | 100% |

Em consonância com o que já se referiu anteriormente, pode-se comprovar, pelos dados numéricos das tabelas 5 e 6, que, nas **C.S.M.**, todas as topicalizações de objeto indireto apresentam elemento correferente e as de objeto direto, um índice maior de correferência em relação às de sujeito. No trabalho de Seabra (1994), o índice de correferência com CTs de objeto indireto é muito baixo (apenas 3 das 79 CTs coletadas no *corpus* arcaico e contemporâneo), o que contraria os dados apresentados aqui. Uma coincidência a apontar é que, tal como nos *corpora* examinados por essa autora, as CTs de objeto direto do cancionero mariano apresentam um índice superior desse elemento relativamente às CTs de sujeito.

Quanto ao estudo de Decat (1989), registra-se, em seu *corpus*, uma variação na presença/ausência de elemento correferente nas construções de

CT-sujeito, sendo baixo o índice de ocorrência de correferência nesse tipo de construção, fato também observado no cancionero de D.Afonso X. Por outro lado, Decat assinala uma taxa de ocorrência significativa de correferência em CTs-complemento até a metade do século XIX (acima de 50%). No entanto, conforme já referido anteriormente, a autora agrupa sob um mesmo rótulo os casos de tópico de objeto direto, objeto indireto e adjunto adverbial, o que nos impede de estabelecer um quadro comparativo entre os dados aqui expostos e os dessa autora.

Passando, agora, a um confronto com Braga (1986) e Pontes (1987), que examinaram estruturas de CT na modalidade oral do português contemporâneo, é possível perceber uma grande diferença nos resultados. Os estudos empreendidos pelas autoras acima apontam uma maior incidência de correferente em CTs de sujeito do que nos demais tipos de CTs, contrariando totalmente os dados aqui apresentados, em que, com CTs de sujeito, a incidência de correferente é baixa. Os exemplos abaixo ilustram casos de correferência em CTs de sujeito, recolhidos por Braga (1986):

(32) “**O tio da minha esposa, ele** jogava no Bangu.” (p. 429)

(33) “porque **o cara**, quando ganha muito dinheiro, **ele** fica meio bobo.” (p. 431)

Essa divergência numérica pode estar indiciando uma mudança no sistema da língua no sentido do preenchimento da posição do sujeito, mudança essa que, de acordo com Decat (1989), é decorrente do enfraquecimento da morfologia verbal na nossa língua.

2.3.2 Perfil morfológico do correferente

No que se refere ao estatuto morfológico do elemento correferente, temos, nas **C.S.M.**, um uso prevalente de pronomes pessoais (caso oblíquo) e demonstrativos. O conjunto de dados abaixo ilustra as possibilidades supracitadas:

A. Pronome pessoal

(34) a. *e o padre, que o mal
fezera per sa folia,
deron-ll' enton morte qual
quis dar a seu fill' Abel.*
(Cantiga 4, v.101-104)

b. *A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand'e con alegria,
quantos seu ben atendemos.*
(Cantiga 8, refrão)

B. Pronome demonstrativo

(35) a. *A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
um meny o d'Irrael.*
(Cantiga 4, refrão)

b. *Maestre Bernald' avia / nom' un que er' en dayan
da egreija, ome bõo, / manss' e de mui bon talan,
que por aver Parayso / sempre soffria afan;
este foi conas relicas / polas fazer connocer.*
(Cantiga 35, v.30-33)

C. Pronome possessivo

(36) a. *Esta dona que tenno por Sennor
e de que quero seer trobador,
se eu per ren poss' aver seu amor,
dou ao demo os outros amores.*
(Cantiga 10, v. 19-22)

Na tabela abaixo, registra-se o índice de ocorrência dos diferentes tipos mórficos de correferente:

TABELA 7

Índice de ocorrência das diferentes classes morfológicas de correferente

| Classe morfológica do elemento correferente | Ocorrência | |
|---|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Pronome pessoal | 6 | 66,7% |
| Pronome demonstrativo | 2 | 22,2% |
| Pronome possessivo | 1 | 11,1% |
| Total | 9 | 100% |

Estabelecendo um quadro comparativo entre a análise aqui apresentada e a de Decat (1989), pode-se constatar que, nas **C.S.M.**, a correferência se manifesta, principalmente, pelo pronome pessoal, mas também por pronome demonstrativo e item lexical pleno, ao passo que, no estudo da referida autora, a correferência é estabelecida através de pronomes indefinidos, demonstrativos e pessoais, expressões anafóricas e numeral. A propósito dessa ocorrência, Decat constata um grau maior de uso de clíticos como correferentes em oposição aos casos de não-clíticos encontrados nos períodos por ela analisados. Tendo em vista esses dados, a

autora chega a duas possíveis conclusões: a primeira seria uma tendência da língua à substituição ou supressão dos clíticos por pronomes tônicos; a segunda seria a da função de “gatilho” exercida pelas CTs, em que as CTs funcionariam como desencadeadoras de correferência, correferência essa expressa, preferentemente, através de clíticos. Em outras palavras, segundo Decat (1989), as CTs atuariam como uma espécie de impulso para o aparecimento de clíticos. Buscando uma explicação para o fato, a autora assevera que, tendo em vista que as CTs costumam provocar uma inversão na ordem dos constituintes frasais (fato a ser comentado mais à frente), faz-se necessária a presença dos clíticos, a fim de tornar visíveis as funções sintáticas dos elementos que passaram a tópico. Quanto a esse aspecto, o largo uso de correferentes clíticos nas **C.S.M.** serve para confirmar a procedência da análise de Decat.

Diferentemente de Decat, Seabra (1994) não se atém ao perfil morfológico do elemento correferente, preferindo não aventar hipóteses sobre o comportamento dos clíticos, por considerar baixas as taxas de correferência em seus dados. Com isso, não foi possível uma comparação entre os dados aqui examinados e os da referida autora.

Por outro lado, é possível um paralelo entre os fatos aqui detectados e os resultados sincrônicos de Braga (1986) e Pontes (1987), que investigam CTs do português hodierno em sua modalidade oral. Como era de supor, nessa modalidade é baixa a incidência de clíticos, uma vez que, conforme já referido anteriormente, eles vêm sendo substituídos por pronomes tônicos, conforme nos comprovam os exemplos abaixo, retirados de Pontes (1987: 16):

(38) “**Esse buraco**, menina, taparam **ele** outro dia.”

(39) “**E aquele lá**, não dá pra colar **ele**?”

2.3.3 Posição do correferente na sentença

No que concerne à posição do correferente, foi possível observar uma preferência pela anteposição desse elemento ao verbo. Nos casos de CTs de sujeito, todos os constituintes correferentes apareceram nessa posição; nas CTs de objeto indireto, esses elementos apareceram na posição pós-verbal e nas CTs de objeto direto, verifica-se uma variação com certo favorecimento da posição pré-verbal⁴. Os exemplos arrolados abaixo ilustram essas possibilidades:

A. Posição pré-verbal

a. Em CT de sujeito

(40) *Os monges, porque sentian | a ssa casa mui menguada,
entre ssi acord' ouveron | de lle non daren en nada,
ca t ian por sobervia | de beber agua conprada*
(Cantiga 48, v. 26-28)

b. Em CT de objeto direto

(41) *Este cantar o meny o atan ben o cantava.*
(Cantiga 6, v.27)

B. Posição pós-verbal

a. Em CT de objeto direto

(42) *Esta dona que tenno por Sennor
e de que quero seer trobador,
se eu per ren poss' aver seu amor,
dou ao demo os outros amores.*
(Cantiga 10, v. 19-22)

4. Naturalmente, devem-se considerar aqui razões de ordem métrica, próprios do gênero poético em questão.

b. Em CT de objeto indireto

(43) *e o padre, que o mal
fezera per sa folia,
deron-ll' enton morte qual
quis dar a seu fill' Abel.*
(Cantiga 4, v. 101-104)

Na tabela abaixo, registra-se a distribuição do elemento correferente em relação à sua posição na sentença:

TABELA 8

Distribuição e taxa de uso do elemento correferente segundo sua posição na sentença

| Posição do correferente | Ocorrência | |
|-------------------------|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Pré-verbal | 6 | 66,7% |
| Pós-verbal | 3 | 33,3% |
| Total | 9 | 100% |

2.4 Dos contextos de ocorrência do SN tópico

Nesta seção, procuro examinar os contextos de ocorrência que favorecem o uso de SNs tópicos, considerando o tipo de oração – absoluta, principal, subordinada, coordenada, etc. – em que eles aparecem, na amostragem em apreço do cancionero afonsino. Observem-se, para tanto, os exemplos abaixo:

- (44) **Miragres fremosos**
faz por nos Santa Maria,
e maravillosos.
(Cantiga 37, refrão)
- (45) **O demo, quand' entendia**
esto, con pavor fugia;
(Cantiga 11, v.72-73)
- (46) **Duas lançadas lle deu un peon,**
mas non ll' entraron; e escantaçon
cuidou que era o coteif',
(Cantiga 22, v.20-22)

Casos de CT como o de (44) são mais raros nas **C.S.M.**, ou seja, não é comum o uso de tópico em orações absolutas; já o exemplo (45) nos apresenta um caso de tópico em oração principal interrompida por uma subordinada temporal, ao passo que em (46), temos um tópico de objeto direto na oração coordenada a outra subsequente (adversativa), a que segue nova oração coordenada portando outro tópico, *escantaçon*. Contudo esse ambiente de coordenação não é o mais comum nas CTs das **C.S.M.** Em termos quantitativos, pode-se dizer que o maior número de tópicos se encontra nas orações principais de períodos compostos por subordinação. Vejam-se, por exemplo, os seguintes dados:

- (47) **Rachel, sa madre, que ben**
grand' a seu fillo queria,
cuidando sen outra ren
que lle no forno ardia,
deu grandes vozes poren
e ena rua saya;
(Cantiga 4, v. 70- 75)
- (48) **O demo, quand' entendía**
esto, con pavor fugia;
(Cantiga 11, v.72-73)

Em (47) tem-se na oração principal a apresentação da figura da mãe, que gritava muito alto. Essa oração, diga-se de passagem, aparece coordenada à outra (*e ena rua saya*). Encontra-se, ainda nesse exemplo, uma oração subordinada relativa (*que ben grand' a seu fillo queria*), uma oração subordinada adverbial causal (*cuidando sen outra ren*), complementada por oração subordinada substantiva objetiva direta (*que lle no forno ardia*). Já em (48), quebrando a seqüência da oração principal, tem-se uma oração subordinada temporal *quand' entendia esto*. Por sinal, note-se que é muito freqüente nas **C.S.M.** a oração subordinada vir no interior da oração principal, quebrando-lhe a seqüenciação.

A propósito do contexto de ocorrência das CTs, Braga (1986), em seu trabalho voltado para o português oral do Rio de Janeiro, constata que a presença de material interferente entre o elemento tópico e o comentário favorece o aparecimento de elemento correferente, uma vez que esse elemento desempenha a função de “lembrete” do SN tópico e, por isso, facilita o processamento da informação. Nas **C.S.M.** temos ocorrências como a seguinte:

(49) *Maestre Bernald' avia | nom' un que er' en [dayan
da egreija, ome bõo, | manss' e de mui bon [talan,
que por aver Parayso | sempre soffria afan;
este foi conas relicas | polas fazer connocer.*
(Cantiga 35, v.30-33)

No entanto, cumpre ressaltar, essa situação não é a regra nas **C.S.M.**, isto é, o afastamento do tópico em relação ao predicado não costuma motivar a presença de correferente, que, por sinal, conforme já aludido, é de baixa incidência no *corpus* aqui selecionado.

Na tabela abaixo, registra-se o índice de ocorrência dos contextos oracionais em que se encontra o SN tópico:

TABELA 9

Taxa de ocorrência do SN tópico segundo o tipo de oração

| Contextos | Ocorrência | |
|--------------------|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Oração absoluta | 1 | 1,3% |
| Oração principal | 47 | 62,7% |
| Oração subordinada | 19 | 25,3% |
| Oração coordenada | 8 | 10,7% |
| Total | 75 | 100% |

Pelos resultados apresentados na tabela acima, é possível concluir que o maior número de tópicos aparece nas orações principais de períodos compostos por subordinação, como já aludido anteriormente, sendo pouco comum o uso desse elemento em orações absolutas.

2.5 Da relação entre CTs e a posição do sujeito

Antes de qualquer comentário a respeito da inter-relação entre CTs e a posição do sujeito na sentença-comentário, cumpre deixar claro que foram consideradas, aqui, apenas CTs com sujeito explícito, isto é, expresso pelo menos através de um núcleo nominal.

Com base nos dados coletados, pude constatar que, de um modo geral, as CTs-complemento favorecem a posposição do sujeito, ou seja, a ordem VS. Essa posposição, contudo, está relacionada com a presença ou a ausência do elemento correferente, a saber: nas CTs-complemento com elemento correferente, a posição do sujeito é, preferencialmente, pré-

verbal; já nas CTs-complemento sem elemento correferente, o sujeito aparece, na maioria das vezes, posposto ao verbo. Comprovam-nos isso os seguintes exemplos:

A. CT-complemento *com elemento correferente*:

(50)a. ***Este cantar*** *o meny o* *atan ben o cantava.*

(Cantiga 6, v.27)

b. ***A Virgen Santa Maria***

todos a loar *devemos,*
cantand'e con alegria,
quantos seu ben atendemos.

(Cantiga 8, refrão)

B. CT-complemento *sem elemento correferente*:

(51)a. ***Duas lançadas*** *lle deu* *un peon,*

Mas non ll' entraron

(Cantiga 22, v.20-21)

b. ***Gran poder*** *á de mandar*

o mar e todo-los ventos
a Madre daquel que fez
todo-los quatr'elementos.

(Cantiga 33, refrão)

Na tabela abaixo, temos uma apresentação numérica desse tipo de relação:

TABELA 10

Relação entre CTs e a posição do sujeito na sentença-comentário

| Posição do sujeito | Ocorrência | | | |
|---------------------------|-------------------|---------------------|-------------------|---------------------|
| | Com Correferente | | Sem Correferente | |
| | Números absolutos | Números percentuais | Números absolutos | Números percentuais |
| Anteposto ao verbo | 3 | 100% | 7 | 38,9% |
| Posposto ao verbo | 0 | 0% | 11 | 61,1% |
| Total | 3 | 100% | 18 | 100% |

Os números da tabela acima revelam um certo equilíbrio quanto à posição assumida pelo sujeito, havendo uma pequena preferência pela sua posposição ao verbo, em relação à anteposição. Vale ressaltar que todas as posposições só são registradas em construções sem elemento correferente.

Nos estudos que realizou, Decat (1989) constata que, em CTs com elemento correferente, a posição do sujeito é, preferencialmente, pré-verbal até a metade do século XIX. O mesmo pode ser observado no cancionero afonsino: em todas as construções com correferente e sujeito explícito, a posição do sujeito foi pré-verbal. Assim como no *corpus* examinado por Decat, nas **C.S.M.**, a estrutura da sentença acaba se enquadrando no padrão OVS, de baixa frequência no português atual.

Do mesmo modo, os estudos empreendidos por Seabra (1994) corroboram essas conclusões. No *corpus* arcaico (século XV) que ela investigou, também a posição preferencial do sujeito, quando há correferência na S comentário, é a pré-verbal.

Quanto às construções sem elemento correferente, Decat nos mostra que há uma variação de anteposição e posposição do sujeito, com predominância da posposição. Por seu lado, no *corpus* pretérito examinado por Seabra, a posição do sujeito nesse tipo de construção é,

preferencialmente, pré-verbal. Já no cancionero afonsino, aqui em estudo, pode-se constatar uma variação na posição pré e pós-verbal, com uma pequena vantagem para a posição pós-verbal, o que, de certa maneira, corrobora os dados de Decat.

2.6 Conclusão

Do que se expôs nesse capítulo, pode-se delinear o seguinte quadro geral a respeito das CTs ocorrentes no conjunto de poemas da **Cantigas de Santa Maria**, aqui analisado:

- a) no que toca à conformação estrutural do tópico, a predominância é de SNs simples (não-oracional), embora ocorram casos de SN complexo, isto é, de conjuntos formados por SN + oração (quase sempre adjetiva);
- b) quanto à função sintática, temos casos de tópico de sujeito, de objeto direto, de objeto indireto, de adjunto adverbial, sendo o de objeto direto o mais recorrente;
- c) no que concerne ao elemento correferente, atestou-se sua baixa incidência geral e uma recorrência maior com CT-complemento (sobretudo de objeto indireto);
- d) no que toca à representação e à posição do elemento correferente, observa-se que é preferencialmente expresso por pronome pessoal, sendo a posição pré-verbal sua alocação mais constante;
- e) no que tange à relação entre a ocorrência de tópico e o posicionamento do sujeito, constatou-se que, quando se tem elemento correferente, o sujeito se localiza antes do verbo, ao passo que, sem elemento correferente, sua posição mais comum é depois do verbo;

f) no *corpus* em apreço não houve nenhuma ocorrência de CTs com tópico cristalizado como sujeito, CT essa encontrada no português contemporâneo (cf. Pontes, 1987 e Decat, 1989).

Delineado o perfil configuracional das construções de tópico numa pequena amostra das **Cantigas de Santa Maria**, preocupemo-nos, agora, em definir os papéis discursivo-funcionais que os tópicos exercem nos contextos em que aparecem.

CAPÍTULO 3

AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA: ESTATUTO DISCURSIVO-FUNCIONAL

Segundo advertem Pontes (1987:15) e outros autores, o termo *tópico* é ambíguo, podendo referir-se ao texto como um todo, com um sentido mais geral de “assunto”, ou ser usado num sentido mais restrito tal como o adotado aqui, de tópico de oração. Nesse caso, de acordo com a autora acima, ele se configura como elemento relacionado com a sintaxe, mas com funções de discurso.

No capítulo anterior, as CTs foram tomadas no primeiro nível, sintático, tendo sido consideradas em seu estatuto formal. Levando em consideração que o sentido de um texto não é produzido apenas pelo somatório de sentenças, mas que decorre de um todo, em dois planos de organização, um microestrutural e outro macroestrutural, isto é, dois níveis distintos, porém complementares, busco investigar, neste capítulo, os papéis discursivo-funcionais das CTs, no conjunto poemático das **Cantigas de Santa Maria**, aqui selecionado para estudo. Para tanto, levo em consideração a idéia de tópico em seu sentido mais restrito de “quadro de referência” que se estabelece no âmbito da sentença (cf. Chafe, 1976), levando em consideração, quando pertinente, o termo como assunto de um todo textual, que se estende numa rede de subtópicos auto-encaixados.

Segundo já apontado por Leão (1997), Ribeiro (1999), Canedo (2000) e outros mais, as cantigas marianas de D. Afonso X possuem uma estrutura narrativa básica, que apresenta, no título-ementa, o resumo do assunto, no refrão, o tema desenvolvido e, nas estrofes, os episódios narrativos propriamente ditos. Encontradas em todos esses domínios, as

CTs não só colaboram na estruturação métrica como exercem papéis discursivos variados.

Acreditando que o seu emprego não é fortuito, mas discursiva e pragmaticamente motivado, procuro, neste capítulo, desvendar essa motivação, levando em conta o estatuto informacional do SN tópico das CTs descritas anteriormente e os papéis discursivos que ele exerce. Dessa sorte, num primeiro momento, tento detectar e mostrar a estruturação temática e formal das cantigas em seu todo, enfocando sobretudo as de milagre, de gênero narrativo. Em seguida, busco descobrir as diferentes funções discursivas exercidas pelo SN tópico das CTs, tomando-as tanto em seu contexto mais restrito de ocorrência quanto em seu contexto maior, relativo às partes componentes das cantigas. Por último, procedo a um balanço geral dos resultados da análise discursiva aqui empreendida.

3.1. Estrutura organizacional das cantigas

3.1.1 Perfil geral

Cientes, como Koch (1995:72), de que, num sentido mais abrangente, o tópico não é apenas “aquilo sobre o que se fala”, mas uma noção mais complexa e abstrata, que envolve uma escala de unidades de nível mais ou menos baixo, podemos identificar nas cantigas que compõem o cancionário mariano de D. Afonso X, sejam de louvor, sejam de milagre, um paradigma estrutural, que, conforme já referido, pode ser sintetizado da seguinte maneira:

1. ementa (em prosa), contendo o resumo do assunto (supertópico) tratado (supertópico);
2. refrão, contendo o tema;

3. seqüência de estrofes laudatórias ou narrativas, segundo o gênero da cantiga (“de loor” ou “de miragre”).

Nesse último tipo (cantigas de milagre), em geral, as duas primeiras estrofes costumam servir de reforço à ementa, anunciando, numa ação discursiva prospectiva, o milagre a ser narrado.

Segundo afirmado anteriormente, a identificação do tópico de um texto é fundamental para a descodificação deste, uma vez que, de certa forma, ele condiciona a interpretação de suas unidades. Ao apresentar esse tipo de estrutura (ementa, refrão e estrofes iniciais), o rei-autor estabelece um quadro de referência geral, que suscita no ouvinte/leitor determinadas expectativas, que, de certa maneira, servem para dirigir a interpretação que lhes cabe fazer. Vejamos um exemplo disso, no seguinte excerto inicial da cantiga nº 19:

(1) *ESTA É COMO SANTA MARIA FILLOU VINGANÇA DOS TRES
CAVALEIROS QUE MATARON SEU ÇEMIGO ANT’ O SEU
ALTAR.*

*Gran sandece faz quen se por mal filla
Cona que de Deus é Madre e Filla.*

*Desto vos direi un miragre fremoso,
que mostrou a Madre do Rei grorioso
contra un ric-ome fol e sobervioso,
e contar-vos-ei end’ a gran maravilla.*

(Cantiga 19, ementa, refrão, 1ª. estrofe)

Aqui, como nos demais poemas narrativos, no título-ementa, proclama-se o milagre acontecido (assunto ou supertópico) e se apresentam as personagens envolvidas. Por sua vez, no refrão, de cunho incitativo, o rei-autor aconselha o ouvinte/leitor a não praticar o mal, pois, com isso, estará fazendo uma grande loucura (“*gran sandece*”, que se apresenta na

forma de tópico de sentença). Na seqüência, a primeira estrofe retoma o tema apresentado no refrão através do anafórico “*desto*” e caracteriza as personagens que comporão o relato. Dessa forma, o autor consegue, desde o início, instigar a curiosidade do ouvinte/leitor e garantir a sua atenção. Esse efeito é mais facilmente obtido com o uso de tópicos sentenciais, comuns no refrão, o que cria um efeito de ativação de um “*frame*”, ou esquema cognitivo, na memória do ouvinte/leitor, facilitando-lhe o trabalho de acompanhamento e interpretação do resto do texto. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência de tópicos sentenciais no refrão:

(2) ***Todo logar mui ben pode / sseer deffendudo***
o que a Santa Maria / á por seu escudo.
(Cantiga 28, refrão)

(3) ***Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento***
quen contra Santa Maria filla atrevemento.
(Cantiga 34, refrão)

Como já mostrado anteriormente, o cancionero mariano de D. Afonso X constitui-se de duas grandes espécies poemáticas: as cantigas de louvor e as de milagre. Essa distribuição decorre, em princípio, do próprio conteúdo (e gênero) das cantigas, uma vez que, nas laudatórias, o rei-autor dirige-se mais diretamente à Virgem Maria, exaltando-lhe as qualidades e louvando-lhe a piedade, bem como a sua disposição em ajudar e proteger seus devotos; nas de milagre, de caráter narrativo, ele homenageia a Virgem (re)contando sua intervenção miraculosa em favor de algum devoto seu.

Obviamente, essa subdivisão se produz pela própria forma lingüística, poética e musical dos poemas. No que diz respeito ao tópico discursivo, por exemplo, é clara a diferença entre gênero laudatório e narrativo. Assim é que as cantigas de louvor apresentam um título-ementa menos complexo, com uma primeira parte comum a todas (“*ESTA É DE*

LOOR DE SANTA MARIA”) e, em alguns casos, uma segunda parte (de caráter argumentativo), que justifica o ato de louvor. Os exemplos abaixo ilustram casos de ementas laudatórias e de ementas narrativas:

(4) a. *ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, COM' É FREMOSA E BÕA E Á GRAN PODER.*

(Cantiga 10, ementa)

b. *ESTA É DE LOOR DE SANTA MARIA, POR QUANTAS MERCEES NOS FAZ.*

(Cantiga 20, ementa)

(5) a. *ESTA É COMO SANTA MARIA DEFENDEU A CIDADE DE CESAIRA DO EMPERADOR JUYÃO.*

(Cantiga 15, ementa)

b. *ESTA É COMO A OMAGEN DE SANTA MARIA, QUE UN MOURO GUARDAVA EN SA CASA ONRRADAMENTE, DEITOU LEITE DAS TETAS.*

(Cantiga 46, ementa)

Esse é, pois, o esquema estrutural básico das cantigas de milagre e de louvor. Pelo que se pode constatar, o assunto (supertópico) e o tema têm uma importância tal, que são anunciados metalingüisticamente pelo autor. Passemos, agora, à investigação das funções discursivas das CTs relativamente a textos com tal perfil estrutural.

3.1.2 Da relação entre as CTs e as diferentes partes das cantigas

Observando o paradigma estrutural das **C.S.M.**, chama-nos a atenção o emprego, por parte do autor, de CTs que apresentam um leque configuracional variado e funções discursivas diferenciadas em níveis

distintos de linguagem, que vão desde a dimensão sintática até a discursivo-textual.

Nas sub-seções que se seguem, apresento a relação entre as CTs e as partes que compõem as cantigas, quais sejam: ementa, refrão e estrofes, procurando esclarecer os efeitos de sentido e sua função coesiva nos poemas de caráter narrativo.

3.1.2.1 CTs e as ementas

Tendo em vista que as cantigas laudatórias apresentam um perfil discursivo relativamente simples e poucas estruturas de tópico sentencial, vou me deter mais na análise das cantigas de gênero narrativo, que, além do mais, predominam, numericamente, sobre as de louvor.

Pelo que já se viu, nos poemas de milagre, cabe ao título-ementa anunciar o assunto (o tipo de milagre), fazendo referência a seus personagens centrais, a saber: a Virgem e o beneficiário de seus favores. A ementa abaixo transcrita serve de ilustração a isso:

(6) *ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU AO FILLO DO JUDEU*

QUE NON ARDESSE, QUE SEU PADRE DEITARA NO FORNO.

(Cantiga 4, ementa)

Nessa ementa, assim como nas demais, o autor antecipa, metalingüisticamente, o enredo, anunciando o milagre de salvação de um judeuzinho (que o pai atirara no fogo) e mencionando os personagens centrais envolvidos: Santa Maria, o filho e o pai judeu. No caso, a alusão a personagens judeus tem o efeito de acionar na memória do ouvinte/leitor

informações que esse já deve possuir sobre esse povo, sobretudo como participante ativo da morte de Cristo.

Sendo o tópico o ponto de partida cognitivo, o autor aciona, de imediato, informações básicas para a compreensão da cantiga que será apresentada. Dessa forma, ele fornece pistas acerca do enredo a ser tecido entre os elementos que estarão explicitamente expostos no texto e outros elementos armazenados na memória do leitor, através de termos que ativam um esquema cognitivo, de modo que o texto seja interpretado dentro desse quadro.

Nas **Cantigas de Santa Maria** o ementário nos põe frente a frente com toda uma gama de milagres, que vão desde a cura de males físicos até a cura de males emocionais e espirituais. À guisa de ilustração, arrolam-se abaixo algumas das possibilidades encontradas no *corpus* aqui em apreciação:

A. cura de enfermidades diversas

(7) a. ***ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ COBRAR SEU PEE AO OME QUE O TALLARA CON COYTA DE DOOR.***

(Cantiga 37, ementa)

b. ***ESTA É COMO SANTA MARIA GUARECEU O QUE ERA SANDEU.***

(Cantiga 41, ementa)

B. salvação de devotos

(8) a. ***ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU O LADRON QUE NON MORRESSE NA FORCA, PORQUE A SAUDAVA.***

(Cantiga 13, ementa)

b. *ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU O MONGE, QUE O DEMO QUIS ESPANTAR POR LO FAZER PERDER.*

(Cantiga 47, ementa)

C. ressurreição de mortos

(9) a. *ESTA É COMO SANTA MARIA RESSUCITOU AO MENY O QUE O JUDEU MATARA PORQUE CANTAVA “GAUDE VIRGO MARIA”.*

(Cantiga 6, ementa)

b. *ESTA É DE COMO SANTA MARIA TOLLEU A ALMA DO MONGE QUE SS’ AFOGARA NO RIO AO DEMO, E FEZE-O RESSOCITAR.*

(Cantiga 11, ementa)

D. gravidez de mulher estéril

(10) *ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ AVER FILLO A HA MOLLER MANY A, E DEPOIS MORREU-LLE, E RESSOCITOU-LLO.*

(Cantiga 21, ementa)

Em todos esses exemplos, podemos observar, uma vez mais, como o autor antecipa o milagre a ser narrado, apresentando informações suficientes para que o ouvinte/leitor se interesse pela cantiga. Nas ementas arroladas em (7), a Virgem cura um ferimento de um homem e a loucura (sandice) de outro. Nos exemplos (8 a e b), ela salva um devoto da força e outro da tentação do diabo, o que significa uma salvação de caráter físico e outra de cunho espiritual. Nos dois exemplos seguintes (9 a e b), Maria intervém em favor de seus devotos, ressuscitando-os, ao passo que no exemplo (10), ela opera um duplo milagre: de cura de esterilidade de uma mulher e de ressurreição do filho que dela nascera.

Outro tipo de informação fornecido nas ementas é de caráter locativo e/ou temporal, conforme nos comprova o exemplo abaixo, que anuncia o cenário (Toledo) e a data (15 de agosto) do milagre:

(11) ***ESTA É COMO SANTA MARIA SE QUEIXOU EN TOLEDO ENO DIA DE SSA FESTA DE AGOSTO, PORQUE OS JUDEUS CRUCIFICAVAN A OMAGEN DE CERA, A SEMELLANÇA DE SEU FILLO.***

(Cantiga 12, ementa)

Num cômputo geral, das primeiras cinquenta cantigas de milagre do volume I da edição de Walter Mettmann (1972), aqui adotada, 40,9% trazem, na ementa, indicação do lugar onde ocorreu o milagre e apenas 6,8% informam acerca do tempo.

No que concerne à indicição locativa, temos, pelo menos, dois grandes tipos de cenário: aqueles correspondentes a um espaço geográfico, isto é, sítios localizáveis no mapa (exemplos em 12 abaixo) e lugares mais restritos como altares, prisões, mosteiros, etc. (exemplos 13 abaixo).

(12) a. ***ESTA É COMO SANTA MARIA PARECEU EN TOLEDO A SANT' ALIFONSSO E DEU-LL' HÛA ALVA QUE TROUXE DE PARAYSO, CON QUE DISSESSE MISSA.***

(Cantiga 2, ementa)

b. ***ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ EN ROCAMADOR DECENDER H A CANDEA NA VIOLA DO JOGRAR QUE CANTAVA ANT' ELA.***

(Cantiga 8, ementa)

(13) a. ***ESTA É COMO SANTA MARIA FILLOU VINGANÇA DOS TRES CAVALEIROS QUE MATARON SE EEMIGO ANT' O SEU ALTAR.***

(Cantiga 19, ementa)

b. *ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ PARECER NAS
PEDRAS OMAGEES A SSA SEMELLANÇA.*

(Cantiga 29, ementa)

No que diz respeito à instância temporal, dentre as mesmas cinquenta primeiras cantigas, apenas uma, a de número 12 contém uma marcação exata do dia em que se deu o milagre: “*eno dia de ssa festa de Agosto*”, ou seja, no dia 15 de agosto, dia em que se comemora, no calendário cristão, a Assunção de Maria. Nas outras ementas a indicação temporal é mais de horário do que de data, conforme ilustrado abaixo:

(14) a. *ESTA É DE COMO SANTA MARIA PARECEU NO MASTE
DA NAVE, DE NOITE, QUE YA A BRETANNA, E A
GUARDOU QUE NON PERIGOASSE.*

(Cantiga 36, ementa)

b. *ESTA É DE COMO SANTA MARIA GUIOU OS ROMEUS,
QUE YAN A SA EIGREJA A SEIXON E ERRARAN O CAMYO
DE NOITE.*

(Cantiga 49, ementa)

Em suma, a ementa cumpre o papel de apresentar ao ouvinte/leitor uma visão prévia do assunto tratado na cantiga, oferecendo informações, por vezes detalhadas, acerca dos protagonistas envolvidos no milagre, bem como do lugar e do tempo de sua realização.

Quanto à ocorrência de CTs, percebe-se que, diferentemente do que ocorre com o refrão e as estrofes, não se verifica nenhum caso na amostra aqui considerada.

3.1.2.2 CTs e os refrões

Outro elemento importantíssimo na construção da narrativa (e também poética e musical) é o refrão, que, repetido a cada estrofe, anuncia o tema da cantiga, complementando, assim, a informação acerca do assunto. Como ilustração, transcreve-se, abaixo, a ementa e o refrão da cantiga 28, que conta como Santa Maria defendeu Constantinopla contra os Mouros:

- (15) *ESTA É COMO SANTA MARIA DEFFENDEU
COSTANTINOBRE DOS MOUROS QUE A CONBATIAN E A
CUIDAVAN FILLAR.*

*Todo logar mui ben pode/ sseer deffendudo
o que a Santa Maria/ á por seu escudo.*

(Cantiga 28, ementa e refrão)

Nessa instância, segundo já referido, a presença de tópicos sentenciais é comum. Nas cinquenta cantigas aqui tomadas como *corpus* de análise, dez refrões apresentam tópico sentencial, sendo todos eles integrantes de cantigas narrativas. Como no exemplo acima, eles costumam ter o papel de **retomar** (ou reforçar) algum elemento da ementa, o que tem o efeito de retenção da atenção do ouvinte/leitor relativamente à narrativa que está por vir. Os exemplos abaixo ilustram essas possibilidades:

- (16) a. *ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ EN ROCAMADOR
DECENDER H A CANDEA NA VIOLA DO JOGRAR QUE
CANTAVA ANT' ELA.*

*A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand' e con alegria,
quantos seu ben atendemos.*

(Cantiga 8, ementa e refrão)

- b. *ESTA É COMO SANTA MARIA FILLOU DEREITO DO JUDEU POLA DESONRA QUE FEZERA A SUA OMAGEN.*

*Gran dereit' é que fill' o demo por escarmento
quen contra Santa Maria filla atrevemento*
(Cantiga 34, ementa e refrão)

Note-se que no exemplo (16 a), o SN *A Virgen Santa Maria* retoma um componente já aludido no título-ementa. Nesse refrão, temos CT de objeto direto, ou seja, com objeto direto em posição de destaque, objeto esse que vem reforçado pelo pronome correferente *a*. Com isso, o autor consegue enfatizar o ato laudatório e destacar a figura da Virgem, que é expressa, na materialidade lingüística, em forma de complemento em posição de tópico. Já em (16 b), o autor retoma um item lexical da ementa, topicalizando o predicativo do sujeito *gran dereit'*, insistindo, dessa forma, numa idéia dominante.

Além da função de proclamar o tema da cantiga e de retomar (ou reforçar) idéias contidas no título-ementa, o refrão costuma instanciar uma ação proselitista do rei-autor em favor da Virgem Maria, consubstanciando, assim, um ato perlocucionário, que, com sua força argumentativa e exortativa, serve para convencer o ouvinte/leitor da idéia ou doutrina defendida pelo autor. Os refrões (um deles com CT) abaixo transcritos ilustram isso:

- (17) a. *Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si pøer.*
(Cantiga 5, refrão)

- b. *Todo-los Santos que son no Ceo/ de servir muito an gran sabor Santa Maria a Virgen, Madre/ de Jeso-Cristo, Nostro Sennor.*

(Cantiga 15, refrão)

3.1.2.3 CTs e a(s) primeira(s) estrofe(s)

Outro fato a comentar acerca do padrão estrutural das cantigas de milagre diz respeito à função desempenhada pela primeira estrofe (e algumas vezes, a segunda), que acaba reforçando o assunto (tópico discursivo) anunciado no título-ementa ou o tema proclamado no refrão. O marcador lingüístico por excelência desse reforço é o elemento demonstrativo *desto*, que, deslocado para o início da sentença ou período, resume o que foi dito anteriormente e antecipa o acontecimento miraculoso a ser narrado⁵. O excerto abaixo é um exemplo disso:

- (18) *Quenas coitas deste mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deve sempr' ante si pōer.*

*E desto vos quer' eu ora contar, segund' a letra diz,
un mui gran miragre que fazer quis pola Enperadriz
de Roma, segund' eu contar oý, per nome Beatriz,
Santa Maria, a Madre de Deus, ond' este cantar fiz,
que a guardou do mundo, que lle foi mal joyz,
e do demo que, por tentar, a cuydou vencer.*

(Cantiga 5, refrão e estrofe 1)

Temos, aqui, pois, a enunciação catafórica, feita através de elemento constituinte demonstrativo deslocado, do milagre (assunto geral) a ser contado nas estrofes subseqüentes.

5. Conforme advertido anteriormente, não se tomam aqui como tópico os SNs preposicionados.

Na cantiga (de número 22) transcrita a seguir, a ligação da primeira estrofe com o refrão é ainda maior, uma vez que aquela repete boa parte do material deste. Além disso, constata-se, no caso, a presença de tópico sentencial (*gran poder*), que reitera, parcialmente, o tópico do refrão (*mui gran poder*):

(19) ***Mui gran poder á a Madre de Deus***
de deffender e ampara-los seus.

Gran poder á, ca sseu Fillo llo deu,
en deffender quen se chamar por seu;
e dest' un miragre vos direi eu
que ela fez grande nos dias meus.

(Cantiga 22, refrão e estrofe 1)

Aqui, como nas demais cantigas, observa-se que o item *desto*, com o seu núcleo demonstrativo, contribui para a coesão textual, remetendo-nos ao tema expresso no refrão e reforçando o seu tópico sentencial, ao mesmo tempo em que institui a estratégia de antecipação do milagre a ser contado.

Pelo que se pode constatar, a função da primeira estrofe (e, às vezes da segunda) nas cantigas de milagre é, em geral, diferente da do resto das estrofes, uma vez que lhe cabe antecipar, em forma de resumo, o acontecimento miraculoso que vai ser narrado, em episódios sucessivos, no correr da cantiga. Nesse resumo, diga-se de passagem, é comum o emprego de construção de tópico sentencial. Em termos das partes da narrativa consideradas por Labov (1972), diríamos que se tem aqui as partes concernentes ao resumo e à orientação⁶.

6. Segundo Labov (1972) a narrativa oral é constituída das seguintes partes: resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda.

A título de complementação, considerem-se aqui algumas variantes desse papel de expansão tópica ou temática exercido pela(s) estrofe(s) inicial(is):

- a) Caso em que se fornecem maiores detalhes acerca do beneficiário do milagre, como uma maneira de justificar a graça por ele recebida:

(20) *ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU O LADRON QUE
NON MORRESSE NA FORCA, PORQUE A SAUDAVA.*

*Assi como Jesu-Cristo, / estando na cruz, salvou
um ladron, assi sa Madre / outro de morte livrou.*

*E porend' un gran miragre / vos direi desta razón,
que feze Santa Maria, / dun mui malfeitor ladron
que Elbo por nom' avia; / mas sempr' em ssa oraçon
a ela s' acomendava, / e aquello lle prestou.*

(Cantiga 13, ementa, refrão, estrofe 1)

No exemplo acima, a ementa anuncia, prospectivamente, a operação de milagre de salvação de um devoto a se realizar em favor de um ladrão. Por sua vez, o refrão alude, intertextualmente, à salvação do “bom ladrão” por Jesus Cristo, pouco antes de sua morte na cruz. Quanto à primeira estrofe, através do marcador *porend'*, retoma o assunto apresentado no título-ementa e referido no refrão, a partir da topicalização do SN *un gran miragre*, a que se sucedem informações (ou orientação, nos termos de Labov, 1972) valiosas a respeito do beneficiário da ação miraculosa de Maria.

- b) Caso em que se apresentam os motivos que levam a Virgem a realizar o milagre:

(21) *ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ FAZER AOS BABOVS QUE
CRIAN A SEDA DUAS TOUCAS, PORQUE A DONA QUE OS
GUARDAVA LLE PROMETERA H A E NON LLA DERA.*

*Por nos de dulta tirar,
praz a Santa Maria
de seus miragres mostrar
fremosos cada dia.*

*E por nos fazer veer
sa apostura,
gran miragre foi fazer
en Estremadura,
en Segovia, u morar
h a dona soya,
que **muito sirgo** criar
en ssa casa fazia.*

(Cantiga 18, ementa, refrão e estrofe 1)

Nesse exemplo, a ementa anuncia que o milagre a ser narrado será uma espécie de cobrança de uma dívida que Santa Maria faz a uma mulher que lhe fizera uma promessa, mas não a cumprira. Já no refrão, o autor demonstra que a Virgem se compraz em mostrar os seus milagres, para que nós possamos crer em seu poder. Quanto à primeira estrofe, apresenta, inicialmente, o motivo que leva a Virgem a intervir em favor dos seus devotos. Em seguida, através da topicalização do SN *gran miragre*, reitera a capacidade miraculosa da Virgem e aponta o lugar onde ocorrerá sua intervenção miraculosa. Ainda nessa estrofe, tem-se outra CT, com topicalização do SN complemento direto *muito sirgo* no interior de uma oração subordinada relativa, topicalização essa que serve para introduzir um elemento novo.

c) Caso em que se informam o lugar e o tempo nos quais o milagre aconteceu:

(22) *ESTA É COMO SANTA MARIA SE QUEIXOU EN TOLEDO ENO DIA DE SSA FESTA DE AGOSTO, PORQUE OS JUDEUS CRUCIFICAVAN A OMAGEN DE CERA, A SEMELLANÇA DE SEU FILLO.*

*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

*E daquest' **un gran miragre**/ vos quer' eu ora contar,
que a Reinna do Ceo/ quis en Toledo mostrar
eno dia que a Deus foi coroar,
na sa festa que no mes d'Agosto jaz.*

(Cantiga 12, ementa, refrão, estrofe 1)

Nessa ementa, já citada anteriormente, que anuncia uma rixa entre Maria e os judeus, o cenário e o tempo são expressos explicitamente. Já o refrão esclarece que o que mais desagrada a Santa Maria é o fato de alguém causar tristeza ou dano ao seu Filho. Quanto à primeira estrofe, retoma o tema do refrão, através do marcador *daquest'*, e do SN topicalizado *un gran miragre*. A partir daí, fornecem-se detalhes acerca do lugar (“Toledo”) e do dia (“na sa festa que no mes d’ Agosto jaz”) em que se operará o milagre.

Em síntese, às estrofes iniciais cabe reforçar o anúncio do assunto e do tema da cantiga, duplicando-se assim o papel da ementa e do refrão em apresentar o resumo e a orientação da ação. Nelas ocorrem CTs que reiteram um subtópico dado ou que introduzem algo novo.

3.1.2.4 CTs e as estrofes narrativas propriamente ditas

Pelos dados aqui expostos, percebe-se que as **Cantigas de Santa Maria** desempenham um papel didático duplo, uma vez que visam não só à salvação dos fiéis como, num segundo plano, à conversão dos não-cristãos. Quanto à estrutura narrativa propriamente dita, as cantigas de milagre, de um modo geral, obedecem a uma seqüência mais ou menos fixa, a saber: a apresentação do problema, a complicação, a intervenção da Virgem com a solução milagrosa da questão e a reação do beneficiado e/ou do povo (avaliação) a quem foi dado cientificar-se do milagre.

Por esse esquema, percebe-se que há uma preparação meticulosa do resultado extraordinário da intervenção mariana. O impacto do milagre tem o propósito de atingir não somente o beneficiário, mas as testemunhas e, obviamente, o ouvinte/leitor das cantigas.

Observando a utilização de CTs nas cantigas narrativas, percebe-se que ela é bastante explorada e tem importante papel na progressão temática-textual. Na cantiga 4, abaixo transcrita, por exemplo, as cinco CTs aí presentes contribuem para levar adiante a trama aí tecida, com a introdução de novos personagens ou reiteração de entidades já mencionadas:

(23) *Esta é como Santa Maria guardou ao fillo do judeu que non ardesse, que seu padre deitara no forno.*

*A Madre do que livrou
dos leões Daniel,
essa do fogo guardou
un meny o d'Irrael.*

*En Beorges un judeu
ouve que fazer sabia
vidro, e un fillo seu*

-ca el en mais non avia,
per quant' end' aprendi eu-
ontr' os crischãos liya
na escol'; e era greu
a seu padre Samuel.
(...)

Poren vos quero contar
o que ll' aveo un dia
de Pascoa, que foi entrar
na eygreja, u viia
o abad' ant' o altar,
e aos moços dand' ya
ostias de comungar
e vy' en un calez bel.

O judeucy o prazer
ouve, ca lle parecia
que **ostias** a comer
lles dava Santa Maria,
que viia resprandecer
eno altar u siia
e enos braços te er
seu Fillo Hemanuel.
(...)

O padre, quand' est' oyu,
creceu-lli tal felonía,
que de seu siso sayu;
e seu fill' enton prendia,
e u o forn' arder vyu
meté-o dentr' e choya
o forn', e mui mal falyu
como traedor cruel.

Rachel, sa madre, que ben
grand' a seu fillo queria,
cuidando sen outra ren
que lle no forno ardia,
deu grandes vozes poren
e ena rua sayu;
e aque a gente ven

ao doo de Rachel.
(...)

O moço logo dali
sacaron con alegria
e preguntaron-ll' assi
se sse d'algun mal sentia.
(...)

(Cantiga 4)

Como era de esperar, na ementa transcrita acima, temos a antecipação (resumo) do enredo a ser apresentado. Naturalmente, a alusão a personagens judeus tem o efeito de sentido de ativar na memória do ouvinte/leitor que foi esse povo o responsável pela morte de Cristo.

No refrão, a primeira CT da cantiga, *A Madre do que livrou dos leões Daniel*, aparece retomada pelo pronome demonstrativo anafórico *essa*, que, além de enfatizar o papel da Virgem Maria, reporta-se à ementa.

No que diz respeito às estrofes narrativas, temos na primeira estrofe informações (orientação) absolutamente relevantes para o entendimento da cantiga, como: o lugar onde se deu o milagre, informações sobre o ofício do pai judeu e, principalmente, o fato de o filho judeu estudar com colegas cristãos. Essa última informação é, por assim dizer, a mais importante, pois será o elo de ligação entre a condição étnica e religiosa do menino e a figura cristã de Maria.

No verso 36, temos o tópico intra-oracional *ostias*, que retoma um termo da estrofe antecedente, configurando-se assim como um tópico reiterador. O mesmo acontece com o tópico *o padre*, do verso 61, que, retomando a informação da estrofe anterior, configura-se também como elemento evocador.

Na estrofe seguinte, temos o tópico *Rachel*, personagem que não havia sido mencionada no contexto anterior. Essa introdução de elemento

novo não chega a ocasionar uma quebra na seqüência da cantiga, uma vez que o rei-autor se vale de um aposto explicativo (*sa madre*), propiciando, com isso, o encadeamento desse elemento com a história narrada.

Por fim, o tópico *o moço* retoma um item anterior, caracterizando-se, pois, como estratégia de reiteração.

Evidencia-se, pelo exposto, uma preocupação meticulosa com a estrutura lingüístico-narrativa na organização e distribuição dos termos nos poemas. Essa preocupação não obedece apenas a uma necessidade interpretativa, mas contribui também para a instituição do universo textual.

3.2 Estatuto informacional e funções discursivas das CTs

Analisando o “status informacional” do SN tópico, Braga (1986), já referida, identifica as seguintes categorias: novo, evocado e inferível, noções já aludidas aqui de um modo assistemático. Conforme apresentado no capítulo teórico, o tópico classificado como **novo** é o que vem mencionado pela primeira vez no discurso; o **evocado**, é o que se refere a uma entidade já mencionada anteriormente ou que se encontra presente no contexto discursivo; finalmente, o **inferível** é aquele que é dedutível de outras entidades do discurso. Os exemplos abaixo ilustram essas três possibilidades:

A. Novo:

- (24)a. *Porende vos contarey
un miragre que achei
que por hu a badessa
fez a Madre do gran Rei,
ca, per com' eu apress' ei,
era-xe sua essa.
Mas o demo enartar
a foi, por que emprennar*

*s' ouve dun de Bolonna,
ome que de recadar
avia e de guardar
seu feit' e as besonna.
Santa Maria amar...*

*As monjas, pois entender
foron esto e saber,
ouveron gran lediça,
ca, porque lles non sofrer
queria de mal fazer,
avian-lle mayça.*

(Cantiga 7, 9-27)

- b. *Poi-los monges foron ende tirados,
mui maas conpannas se foron tan tost' y meter,
ribaldos e jogadores de dados
e outros que lles tragian y vy o a vender;
e ontr' os malaventurados
ouv' y un que começou a perder,
per que foron del de ostados
os Santos e a Reynna sen par.
Pois que Deus quis da Virgen fillo...*

*Mas **h a moller** , que por seus pecados
entrara na eigreja, como sol acaecer,
ben u soyan vesti-los sagrados
panos os monges yan sas missas dizer,
porque viu y ben entallados
en pedra Deus con ssa Madre seer,
os ge ollos logo ficados
ouv' ant' eles e fillou-s' a culpar.*

(Cantiga 38, v.26-43)

B. Evocado:

- (25) a. *ESTA É COMO SANTA MARIA LIVROU A ABADESSA
PRENNE, QUE ADORMECERA ANT' O SEU ALTAR
CHORANDO.*

*Santa Maria amar
devemos muit' e rogar
que a ssa graça ponna
sobre nos, por que errar
non nos faça, nen pecar,
o demo sen vergonna.*

(Cantiga 7, ementa e refrão)

- b. *ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ EN ROCAMADOR
DECENDER H A CANDEA NA VIOLA DO JOGRAR QUE
CANTAVA ANT' ELA.*

*A Virgen Santa Maria
todos a loar devemos,
cantand' e con alegria,
quantos seu ben atendemos.*

(Cantiga 8, ementa e refrão)

C. Inferível:

- (26) a. *ESTA É COMO SANTA MARIA GUARDOU A UN LAVRADOR
QUE NON MORRESSE DAS FERIDAS QUE LLE DAVA UN
CAVALEIRO E SEUS OMEES.*

*Mui gran poder á a Madre de Deus
de deffender e ampara-los seus.*

(Cantiga 22, ementa e refrão)

- b. *ESTA É COMO SANTA MARIA FEZ COBRAR SEU PEE AO
OME QUE O TALLARA CON COYTA DE DOOR.*

*Miragres fremosos
faz por nos Santa Maria,
e maravillosos.*

*Fremosos miragres faz que en Deus creamos,
e maravillosos, por que o mais temamos;
porend' um daquestes é ben que vos digamos,
dos mais piadosos*

(Cantiga 37, ementa, refrão e 1^a. estrofe)

Note-se que nos exemplos (24 a e b), temos CTs que envolvem sujeito. Na análise empreendida por Braga (1986), fica patente que é mais comum a presença de referentes novos nesse tipo de construção, fato que não se observa no *corpus* aqui analisado.

Em (25 a e b) os termos “*Santa Maria*” e “*A Virgen Santa Maria*” retomam um componente já aludido no título-ementa. Nesses refrões, os objetos diretos aparecem como tópicos sentenciais, ou seja, em posição de destaque, sendo que, no exemplo (25 b), esse tópico vem reforçado pelo pronome correferente “a”. Lembrando que o refrão será repetido ao final de cada estrofe, o autor consegue, com isso, enfatizar o ato laudatório e destacar a figura da Virgem através do uso de uma CT.

Em (26 a), o autor extrai da ementa a pressuposição de que a Virgem tem grandes poderes já que ela protege um lavrador da morte. A partir dessa pressuposição, o rei-autor topicaliza o objeto direto “*Mui gran poder*”, insistindo, dessa forma, numa idéia dominante. Já em (26 b), o autor retira da ementa a pressuposição de que a Virgem operou um milagre ao recobrar o pé ao homem. Nesse exemplo, o tópico é composto por elementos coordenados (*mirages fremosos e maravillosos*) que aparecem em seqüência descontínua. Isso sem falar que na primeira estrofe da cantiga, temos um tópico colaborador, uma vez que seu SN inicial retoma o tópico do contexto anterior.

Os dois últimos grupos de exemplos, corroboram o quadro proposto por Braga (1986), que aponta uma preferência por referentes evocados e inferíveis nas CTs que envolvem complemento verbal.

Na tabela abaixo é possível visualizar, a partir de dados numéricos, qual o padrão informacional predominante do SN tópico no cancionero mariano:

TABELA 11

Distribuição e taxa de uso das CTs segundo o “status” informacional do SN tópico

| “Status” informacional | Ocorrência | |
|------------------------|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Novo | 15 | 20% |
| Evocado | 38 | 50,7% |
| Inferível | 22 | 29,3% |
| Total | 75 | 100% |

Os dados da tabela acima revelam que as CTs instanciam, preferentemente, referentes evocados, ou seja, aqueles já mencionados no contexto anterior, sendo o seu papel menor o de introduzir elementos novos, o que confirma os pressupostos de Pontes (1987) e a análise de Braga (1986).

Examinando, ainda, a contribuição das CTs para o desenvolvimento do tópico discursivo e destacando as funções discursivas exercidas por essas construções, Braga delinea um quadro, já mencionado no capítulo teórico, no qual considera que um trecho discursivo pode apresentar uma série de tópicos relacionados entre si, ou não, configurando, dessa forma, uma seqüência discursiva contínua ou descontínua.

Segundo essa autora, uma seqüência discursiva será considerada **contínua** quando seus tópicos forem colaboradores ou incorporadores. Tem-se tópico colaborador sempre que um tópico retomar o tópico discursivo do enunciado precedente, e tópico incorporador, quando for extraída alguma pressuposição do discurso anterior. Os exemplos abaixo, retirados das **C.S.M.**, ilustram seqüências de caráter contínuo com tópicos colaborador e incorporador:

A. Tópico colaborador:

- (27) a. *E o cantar que o moço / mais aposto dizia,
e de que sse mais pagava / quen quer que o oya,
era un cantar en que diz: “Gaude Virgo Maria”;
e pois diz mal do judeu, que sobr’ aquesto contende.*

*Este cantar o meny o / atan ben o cantava,
que qualquer que o oya / tan taste o fillava
e por leva-lo consigo / como outros barallava,
dizend’: “Eu dar-ll-ei que jante, / e demais que merende.”*
(Cantiga 6, v. 22-30)

- b. *E u viu seu millo debullar
na eira, mandou-lle lançadas dar;
mas el começou a Madr’ a chamar
do que na cruz mataron os judeus.*

*Duas lançadas lle deu un peon,
mas non ll’ entraron; e escantaçon
cuidou que era o coteif’, enton
mais bravo foi que Judas Macabeus.*
(Cantiga 22, v. 15-24)

B. Tópico incorporador:

- (28) a. *Assi como Jesu-Cristo, / estando na cruz, salvou
un ladron, assi sa Madre / outro de morte livrou.*

*E porend’ un gran miragre / vos direi desta razón,
que feze Santa Maria, / dun malfeitor ladron
que Elbo por nom’ avia; / mas sempr’ em ssa oraçon
a ela s’ acomendava, / e aquello lle prestou.*
(Cantiga 13, refrão e primeira estrofe)

- b. *ESTA É COMO SANTA MARIA LEVOU EN SALVO O
ROMEU QUE CAERA NO MAR, E O GUYOU PER SO A
AGUA AO PORTO ANTE QUE CHEGASS’ O BATEL.*

Gran poder á de mandar

*o mar e todo-los ventos
a Madre daquel que fez
todo-los quatr' elementos.*

(Cantiga 33, ementa e refrão)

Nos exemplos (27 a e b), pode-se constatar que as CTs *este cantar e duas lançadas* retomam um elemento já aludido no contexto anterior, revelando-se como um dos mecanismos de coesão textual. Já em (28 a e b), têm-se exemplos de tópico discursivo incorporador, a saber: em (28 a), o autor extrai do refrão a pressuposição de que o fato de a Virgem livrar um ladrão da morte constitui um milagre, e em (28 b), o fato de Ela salvar um romeiro de um afogamento aponta o seu poder. A partir dessa pressuposição, o rei-autor topicaliza os SNs *un gran miragre* e *gran poder*.

Voltando ao quadro das funções discursivas delineado por Braga, essa autora considera uma seqüência discursiva **descontínua** quando seus tópicos forem introdutórios ou reintrodutores. Por tópico introdutor entende-se o que é introduzido no discurso sem qualquer menção anterior e, por tópico reintrodutor o que introduz algum elemento já mencionado em algum momento remoto do discurso. Os exemplos abaixo ilustram a possibilidade de sua ocorrência nas **C.S.M.**:

A. Tópico introdutor:

(29) a. *Porende vos contarey
un miragre que achei
que por ha badessa
fez a Madre do gran Rei,
ca, per com' eu apres' ei,
era-xe sua essa.
Mas o demo enartar
a foi, por que emprennnar
s' ouve dun de Bolonna,*

*ome que de recadar
avia e de guardar
seu feit' e sa besonna.*

Santa Maria amar...

*As **monjas**, pois entender
foron esto e saber,
ouveron gran lediça;
ca, porque lles non sofrer
quería de mal fazer,
avian-lle mayça.
E fórona acusar
ao Bispo do logar,
e el ben de Colonna
chegou y; e pois chamar
a fez, vo sen vagar,
leda e mui risonna.*

(Cantiga 7, v. 9 - 33)

b. *E por nos fazer veer
sa apostura,
gran miragre foi fazer
en Estremadura,
en Segovia, u morar
hu a dona soya
que **muito sirgo** criar
en ssa casa fazia.*

(Cantiga 18, v. 8 -15)

B. Tópico reintrodutor:

(30) a. ***A dona** mui bon marido perdeu,
e con pesar del per poucas morreu;
mas mal conorto dun fillo predeu
que del avia, que a fez prennada.
Sempre seja beita e loada...*

*A dona, pois que prenne se sentiu,
gran pesar ouve; mas depois pariu
un fill', e u a nengu non viu
mató-o dentr' en sa cas' enserrada.*

(Cantiga 17, v. 15-23)

b. *Este romeu con bõa voontade
ya a Santiago de verdade;
pero desto fez maldade
que ant' albergar
foi con moller sen bondade,
sen con ela casar.
Non é gran cousa se sabe | bon joizo dar...
(...)*

*O Romeu, que ssen dovida cuidava
que Santiag' aquello lle mandava,
quanto lle mandou tallava;
poi-lo foi tallar,
log' enton se degolava,
cuidando ben obrar.*

(Cantiga 26, v.20-26. 48-53)

Nos exemplos (29 a e b), os tópicos *as monjas* e *muito sirgo*, apresentam-se como introdutores, uma vez que não haviam sido mencionados no contexto anterior. Em (29 b), tem-se um outro SN topicalizado *gran miragre*, que retoma um constituinte do refrão, apresentando-se, então, como tópico colaborador. Já em (30 a e b), temos exemplos de tópico discursivo reintrodutor, uma vez que os SNs topicalizados *a dona* e *o Romeu* retomam um elemento já mencionado em um ponto remoto da cantiga.

A tabela abaixo apresenta os dados referentes às funções discursivas exercidas pelas CTs no cancionero mariano:

TABELA 12

Distribuição e taxa de uso das CTs segundo as funções discursivas do SN tópico

| Funções discursivas | Ocorrência | |
|---------------------|-------------------|---------------------|
| | Números absolutos | Números percentuais |
| Colaborador | 9 | 12% |
| Incorporador | 22 | 29,3% |
| Introdutor | 15 | 20% |
| Reintrodutor | 29 | 38,7% |
| Total | 75 | 100% |

Pelos dados da tabela acima, é possível evidenciar, corroborando a análise empreendida por Braga (1986), o que vem a ser a macro-função das estruturas de tópico: retomar um item anterior ou um conceito já referido no discurso. Dessa forma, os tópicos sentenciais caracterizam-se como um dos mecanismos de coesão de que o autor dispõe, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento das cantigas.

3.3. Conclusão

Penso que a análise aqui apresentada pode dar uma idéia da configuração do tópico discursivo nas cantigas de milagre. Vimos que as cantigas possuem uma estrutura básica que se inicia com um título-ementa, que funciona como uma apresentação do assunto que será desenvolvido, posteriormente. A seguir, temos o refrão, que, abrigando várias CTs sentenciais, apresenta-se como elo coesivo entre a ementa e a cantiga. Por fim, seguem-se as estrofes propriamente ditas, que, devidamente dispostas, dão corpo ao ato narrativo do autor.

Do que se expôs nesse capítulo, pode-se delinear o seguinte quadro geral a respeito do “status” informacional e das funções discursivas exercidos pelo SN tópico no conjunto poemático das **Cantigas de Santa Maria** aqui examinado:

- a) as CTs instanciam, preferentemente, referentes evocados, ou seja, aqueles já mencionados no contexto anterior;
- b) o caráter novo do SN tópico é o menos recorrente nas **C.S.M.**, o que confirma os pressupostos de Pontes (1987) e Braga (1986);
- c) no que concerne à função discursiva do SN tópico, observa-se a predominância de tópico reintrodutor, ou seja, aquele que introduz algum elemento já mencionado no discurso, corroborando a análise de Braga (1986);
- d) o tópico colaborador, isto é, aquele que retoma um tópico do enunciado precedente, é o menos freqüente.

Dessa forma, podemos concluir que a principal função das CTs que compõem o cancionero afonsino é aquela em que se retoma um subtópico já aludido no contexto anterior, contribuindo para o encadeamento das idéias e estabelecendo a coesão entre as partes das cantigas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi efetuar uma análise das construções de tópico na modalidade escrita do português, através de um *corpus* estabelecido a partir das **Cantigas de Santa Maria**, de D. Afonso X, o Sábio.

Para isso, partiu-se de um levantamento teórico do assunto, que considerou o tratamento conferido ao tópico pelas gramáticas tradicionais, bem como por trabalhos de orientação mais moderna. No que concerne às gramáticas, foram reexaminados os conceitos de “anacoluto”, “pleonasm” e “hipérbato”; nos estudos modernos, observou-se o tratamento dado às estruturas tópicas numa perspectiva sincrônica (cf. Braga, 1986; Pontes, 1987; Puccini, 1989 e Leão, 2000) e diacrônica (Decat, 1989 e Seabra 1994).

Nessa dissertação, coletaram-se e analisaram-se as CTs das 50 primeiras cantigas que compõem o cancionero mariano de D. Afonso X, o Sábio e seus colaboradores, descrevendo-as em termos do: estatuto configuracional dos SNs tópicos; papel sintático das CTs; elemento correferente, observando os casos de sua presença/ausência, de seu perfil morfológico e de sua posição na sentença; ambiente de ocorrência do tópico e, finalmente, a relação entre CTs e a posição do sujeito.

Observando o estatuto gramatical das CTs nas **Cantigas de Santa Maria**, pôde-se delinear o seguinte quadro geral a respeito das CTs ocorrentes no conjunto de poemas aqui examinado:

- a) no que toca à conformação estrutural do tópico, a predominância é de SNs simples (não-oracional), embora ocorram casos de SN

complexo, isto é, de conjuntos formados por SN + oração (quase sempre adjetiva);

- b) quanto à função sintática, temos casos de tópico de sujeito, de objeto direto, de objeto indireto e adjunto adverbial, sendo a função de objeto direto a mais recorrente;
- c) no que concerne ao elemento correferente, atestou-se baixa freqüência de uso, sendo sua maior incidência com CT-complemento (sobretudo de objeto indireto);
- d) no que toca à representação e posição do elemento correferente, ele é preferencialmente expresso por pronome pessoal, ocorrendo mais na posição pré-verbal;
- e) no que tange à relação entre a ocorrência de tópico e posição do sujeito, constatou-se que, quando se tem elemento correferente, este assume posição pré-verbal, ao passo que, sem elemento correferente, seu posicionamento comum é depois do verbo;
- f) no *corpus* em apreço não houve nenhuma ocorrência de CTs com tópico cristalizado como sujeito.

Posteriormente, investigou-se o estatuto discursivo-funcional das CTs nas cantigas de milagre. Para tanto, levou-se em consideração que: as cantigas possuem uma estrutura básica que se inicia com um título-ementa, que funciona como uma apresentação do assunto desenvolvido subsequente. Depois da ementa (e de cada estrofe) tem-se um refrão, que, portador de várias CTs sentenciais, apresenta-se como elo coesivo entre essa e as demais partes da cantiga. Finalmente, sucedem-se as estrofes propriamente ditas, das quais, no caso das cantigas de milagre, a primeira (ou a primeira e segunda) instancia o resumo e a orientação da narrativa, e as demais dão corpo aos episódios da narrativa (complicação da ação).

Observando o estatuto discursivo-funcional das CTs nas **Cantigas de Santa Maria**, pode-se delinear o seguinte quadro geral a respeito do “status” informacional e das funções discursivas exercidos pelo SN tópico, no conjunto poemático aqui examinado:

- a) as CTs instanciam, preferentemente, referentes evocados, ou seja, aqueles já mencionados no contexto anterior;
- b) o carácter novo do SN tópico é o menos recorrente nas **C.S.M.**, o que confirma os pressupostos de Pontes (1987) e Braga (1986);
- c) no que concerne à função discursiva do SN tópico, observa-se a predominância de tópico reintrodutor, ou seja, aquele que introduz algum elemento já mencionado no discurso, corroborando a análise de Braga (1986);
- d) o tópico colaborador, isto é, aquele que repete um mesmo tópico do enunciado precedente, é o menos freqüente;

A partir da análise empreendida, percebe-se que a principal função das CTs que compõem o cancioneiro afonsino é aquela em que se retoma um subtópico já aludido no contexto anterior ou a menção a constituintes de conceitos também já referidos. Percebemos, assim como Braga (1986), que essa volta ao contexto anterior, configura-se como a macro-função das CTs. Dessa forma, esse tipo de construção contribui para o encadeamento das idéias e estabelecimento da coesão entre as partes das cantigas.

Da análise efetuada, ficou patente o valor dos estudos modernos, que postulam o entrelaçamento entre sintaxe e discurso. Dessa sorte, o plano sintático se expande, seja por desdobrar o nível da sentença, seja por considerar o co-texto em que se integra a CT. A partir dessa visão, as

construções de tópico são consideradas tanto em termos de sua configuração formal, quanto em termos de seus papéis discursivo-textuais.

Pelo que se viu, a abordagem moderna, além de contribuir para ampliar o escopo da análise tradicional, relacionando, por exemplo, as noções de anacoluto, pleonasma e hipérbato com a de tópico, apresenta um grau de generalização mais adequado, já que abarca níveis lingüísticos diferentes, além de associar, adequadamente, processos tidos pela tradição gramatical como pertencentes à Estilística, à Retórica e à Literatura.

Que o trabalho aqui efetuado, tenha condições de oferecer uma maior compreensão do estatuto formal e das condições de uso das Construções de Tópico, sobretudo no contexto da fase arcaica da Língua Portuguesa. Que a abordagem das **Cantigas de Santa Maria**, coletânea medieval sacra ainda tão pouco estudada entre nós, sirva para caminhos para novas investigações.

ABSTRACT

This dissertation aims at detecting and examining the different kinds of topic constructions in *cantigas de miragre* and *cantigas de loor* (praise and miracle songs) from Dom Afonso X's collection of Holy Songs of Santa Maria, dated from the 13th century. Based on studies carried out by authors such as Braga (1986), Pontes (1987), Decat (1989) and Seabra (1994), the analysis takes into account, initially, the configuration of those constructions in the selected *corpus*, pointing out the grammatical statute taken over by them. There follows an investigation of the contexts in which they occur, in order to apprehend the reasons for their use in terms of discourse.

The dissertation aims mainly at divulging Dom Afonso's collection of religious songs, contributing to a deeper knowledge of Old Portuguese in its Galician-Portuguese stage, and working as reference for research related to the evolution of those structures in our language.

Referências Bibliográficas

AFONSO X. **Cantigas de Santa Maria**. Edição crítica de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis/Atlântida, 1959-1972. 4 v.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ANJOS, Maria de Fátima S.C. **A expressão da negação nas *Cantigas de Santa Maria***. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2000. (Dissertação, Mestrado em Língua Portuguesa)

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 23. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. 28. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1983.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Aspectos da transitivação no português: estruturas de tópico cristalizado e as causativas sintéticas. **Estudos Lingüísticos. XVII Anais de SEMINÁRIOS DO GEL**. São Paulo: USP. p. 313-323, 1989.

BRAGA, Maria Luíza. Tópico e ordem vocabular. In: **Boletim da ABRALIN**, Rio de Janeiro: UFF, nº 6, p.174-188, 1984.

_____. Construções de tópico de discurso. **Relatório final dos subsídios sociolingüísticos do censo à educação**. Brasília: FINEP, 1986.

BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

CALLOU, Dinah et al. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Gramática do português falado; as abordagens**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993. v. I, p.75-97.

CÂMARA JR., Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 18º ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

CANEDO, Sérgio Antônio. **Narração, metro e música nas Cantigas de Santa Maria**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2000. (Dissertação, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa)

CASTRO, Bernardo Monteiro de. **Sexo, diabo e loucura nas Cantigas de Santa Maria**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 1996. (Dissertação, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa)

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 34. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1991.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, Charles (Ed.). **Subject and topic**. New York: New York Academic Press, 1976.

COMRIE, Bernard. **Language universals and linguistic typology**. Chicago: Chicago University Press, 1981.

COUTINHO, Ana Maria. **O sagrado e o profano na voz do poeta medieval**: uma leitura das *Cantigas de Santa Maria*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 1999. (Dissertação, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa)

CUNHA, Celso & Cintra, L.F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. Concordância verbal, topicalização e posposição de sujeito. **Ensaio de Lingüística**, Belo Horizonte, n. 9, p. 9-48, 1983.

_____. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando L.(Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. São Paulo: Pontes, 1989.

DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva. **Syntaxe histórica portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1970.

GÓIS, Carlos. **Syntaxe de regência**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 1924.

KATO, Mary. **O estatuto sintático e semântico do tópico no português do Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989. (Mimeogr.)

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000

LABOV, William. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LEÃO, Ângela Vaz. As Cantigas de Santa Maria. **Extensão – Cadernos da Pró-reitoria de Extensão da PUC-Minas**, Belo Horizonte, v. 7, nº 23, p. 27-42, ago. 1997.

_____. Questões de linguagem nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 11-24, 2000.

LI, Charles (Org.). **Subject and topic**. New York: New York Academic Press, 1976.

MACHADO, Heloísa Guaracy. **A imagem do judeu na representação cristã ibero castelhana do século XIII**: uma leitura das *Cantigas de Santa Maria*. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 1996. (Dissertação, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa)

MELO, G. Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

_____. **Iniciação à filosofia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

METTMANN, Walter. Glossário. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1972. v. IV.

MONTOYA, Jesús (ed.). **Alfonso X, el Sabio**; cantigas. Madrid: Catedra, 1988.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. **Lirismo e religiosidade no Cancioneiro Mariano de Afonso X, o Sábio. A organização do texto poético**. São Paulo: USP, 1994. (Tese, Doutorado em Letras)

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). **Syntax and semantics 12: Syntax and discourse**. New York: Academic Press, 1979.

PERINI, Mário Alberto. Um aspecto da interpretação do tópico em português. **Séries Estudos**, Uberaba: FIUBE, p. 52-61, 1981.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, E. A functional approach to text analysis: left dislocation and topicalization. **Symposium on Approaches to Text Analysis**, University of Chicago, 1980.

PUCCINI, Maria Auxiliadora Lopes. A topicalização em cantigas de amigo do século XIII. **Revista Científica e Cultural**, Campo Grande, v.4, p.51-58, 1989. (Número especial).

RIBEIRO, Andréa Lourdes. **Estratégias de marcação temporal nas *Cantigas de Santa Maria***. Belo Horizonte, PUC-Minas, 1999. (Dissertação, Mestrado em Língua Portuguesa)

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ROSS, John Robert. **Constraints on variables in syntax**. Cambridge: MIT, 1967. (Phd Dissertation)

SAID ALI, M. **Meios de expressão e alterações semânticas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Uma abordagem diacrônica das construções de tópico em português**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1994.(Dissertação, Mestrado em Língua Portuguesa)

SILVA NETO, Serafim da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SOUZA, Luiz Carlos de. **Vocalidade e escrita nas *Cantigas de Santa Maria***. Belo Horizonte: PUC-Minas, 1995. (Dissertação, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa).

Bibliografia Complementar

GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: New York Academic Press, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN. **Cohesion in spoken and written English**. Londres: Longman, 1976.

ILARI, Rodolfo. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

LIBERATO, Yara. **Dado e novo**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1982. (Dissertação, Mestrado em Lingüística)

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

PONTES, Eunice. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

VOTRE, S. & NARO, A. Discurso e ordem vocabular. Artigo apresentado no X Encontro Nacional de Língua Portuguesa, PUC/RJ, 1985. (Mimeogr.)

